Fragmentos do fim (1)

Nada no mundo pode dar uma pálida ideia da

magnificência do hino, da harmonia do canto, cujas

notas graves e profundas vibradas com entusiasmo por

6000 bocas faziam-nos estremecer até ao íntimo. Que

majestade, que energia naquela música, ora arrastada

e lenta, quase moribunda, para ressurgir triunfante

num frémito de ardor, numa explosão queimante de entusiasmo!

E à medida que as mangas se iam afastando, as notas graves

iam dominando, ainda por largo

espaço, reboando pelas encostas e entre as matas do

Manjacase. Quem seria o compositor anónimo daquela

maravilha? Que alma não teria quem soube meter

em três ou quatro compassos, a guerra africana, com

toda a acre rudeza da sua poesia? Ainda hoje nos

«cortados ouvidos me ribomba» o eco do terrível canto

de guerra vátua, que tantas vezes o esculca chope ouviu

transido de terror, perdido por entre as brenhas

destes matos ...

Ayres d' Omellas

«Cartas de África»

Ualalapi

À Judite Gettessemane

U Ngungunhane! ...

Uya Ngungunya e bafazi ne madoda! ...

Anónimo, século XIX

Tu és Ngungunhane! ...

Aterrorizarás as mulheres e os homens! ...

I

Quando chegaram a um dos outeiros mais próximos

da aldeia os guerreiros suspiraram de alívio ao

contemplarem as casas esparsas por entre as árvores de raízes

seculares, imersas num silêncio profundo, próprio

daquela hora em que o Sol ultrapassava majestosamente

a metade do céu sem nuvens, atirando os raios que

causticavam os rostos, os dorsos e os troncos nus dos

guerreiros, cobertos da cintura à parte superior das coxas

por peles de animais bravios.

Ualalapi, à frente dos guerreiros, percorreu com o

olhar a aldeia e pensou no doro, nome que leva o

pombe preparado nestas terras dos mundau, a entrar

pelas goelas abaixo, com um bom naco de carne, à

sombra da frondosa árvore, tendo defronte a mulher

atiçando o fogo e o filho brincando, enquanto a noite

entrava, calma, trazendo consigo a Lua cortada e às

vozes mais distantes de outros homens que seroavam,

pervagando pelo mundo dos feitos nguni, em tempos

de guerra e de paz.

Sorriu para os guerreiros que o acompanhavam,

carregados de carne fresca, resultado da matança feita

no interior das terras, e iniciou a descida por um

carreiro sinuoso, alheio ao roçar insistente dos arbustos de

metro e meio que se erguiam nas margens quando, a

meio da descida, susteve o passo, obrigando os Outros

a pararem e a aproximarem-se, ladeando-o.

Dois pangolins, animais de mau agouro, reluziam

ao sol numa atitude de completa sonolência, a meio do

carreiro. Ualalapi olhou de soslaio os guerreiros que o

ladeavam e viu os mesmos olhos brilhantes, trementes,

claros, ausentes. Nada disse. Passou a mão pela carne

fresca, sinal de fartura e de bons presságios, e atirou

os olhos aos pangolins, animais agoirentos como já

ficou dito. E todos, como que petrificados pela

imagem infausta, pennaneceram na mesma posição,

sentindo o sol a fulminar-lhes os corpos e os arbustos a

atirarem os ramos mais atrevidos que se dobravam ao

contacto com os corpos, durante minutos prolongados,

até que os pangolins, recobrando as forças, retiraram-se

do carreiro, deixando-o livre à passagem dos

homens e à flutuação do pensamento que a todos atingiu.

Ualalapi pensou no filho e viu-o tirar da parede

maticada o escudo de tantas batalhas. Mas porquê o

filho, pensou, e não a mãe do filho que sempre lhe

ofertou o corpo em noites de luar e em momentos por

vezes impróprios à fornicação? ... Passou a mão pelo

cabelo, tirou uma folha silvestre, olhou para as aves que

voavam, silenciosas, e sentiu um pequeno tremor no

corpo. Não, ela não pode ser, pensou, deixei-a sã de

corpo e espírito. E como mulher, mulher nguni, ela

vaticina o seu destino. O meu filho também não, é

impossível, pois como pode uma criança de pai e mãe

nguni morrer inesperadamente aos dois anos, sem que

esteja adestrada no trato das armas como os pais e

avós? ... Não, é impossível, à sua família os ventos do

infortúnio não chegarão tão já. Talvez a estes guerreiros,

pensou, e viu-os cabisbaixos, como se tremessem

que a terra se lhes abrisse aos pés, tropeçando por tudo

e por nada. A estes também não, pertencem ao vulgo,

e ao vulgo a infelicidade sempre lhe surgiu, desde os

princípios dos tempos, sem enigmas, às claras como as

suas vidas vulgares e sem história e destino senão o de

nascerem para servirem aos superiores até a morte.

A quem se dirige então este enigma se outra família

não tenho que mulher e filho? . . . Olhou para os

guerreiros e viu-os na mesma posição rememorativa,

pensando nas mulheres e nos filhos, ou nos pais e avós,

atirados pelo império sem fim.

Enquanto pensavam nisto e naquilo, recordando

coisas antigas e presentes, ligadas aos enigmas que a

natureza atira aos homens sem piedade, estugavam o

passo em direção à aldeia que se avizinhava, deserta

nas suas ruelas, sem outros ruídos que o rumorejar

crescente das folhas das árvores e o altear desordenado

da fumaça que saía em algumas cubatas onde o fogo

teimava em agarrar-se aos troncos que a cinza atacava.

Aproximaram-se da cubata mais próxima e Ualalapi

adiantou-se. Uma mulher de meia-idade, sentada

defronte à casa, amamentava uma criança.

- O que se passa, mãe? - perguntou Ualalapi,

agachando-se e pondo a lança ao alcance da mão

direita.

- Os mochos teimaram em serendar sobre as casas,

chiando a toda hora e trazendo os espíritos há muito

adormecidos que perturbabam as nossas mentes e

deram a morte a alguns - disse a mulher com um ar

cansado, preocupada com o filho que mexia desordenadamente

os pés e os olhos, tentando afastar as moscas

que teimavam poisar.

- Morreu alguém da sua família?

- O meu marido.

- Lamento imenso, mãe ... Lamento imenso. E os

homens, por onde andam os homens?

- Quem terá coragem de andar nestes tempos? ...

Falam com os meus muzimos. Não correu um homem,

morreu o império.

- Quem mais é que morreu?

- Sabê-lo-as. Os chefes como tu aguardam

Mudungazi na praça.

- Certo. De que é que morreu o seu marido?

- De susto. Mas que importância tem a formiga

perante o elefante?

- Quantas vezes a formiga não matou o elefante, mãe?

- E quantas vezes o crocodilo saiu da água, homem?

- Obrigado mamã - disse Ualalapi, perturbado.

Soergueu-se, agarrou na lança e virou-se para os

guerreiros que o olhavam, cansados de esperar.

- Ide guardar a carne e esperai qualquer ordem.

Em vou até a praça - e largou-os sem mais delongas,

caminhando célere e alheio ao vento que ia levantando

grãos de areia e folhas dispersas pelo chão,

formando pequenos remoinhos que se alteavam em

círculos desordenados, tocando amiúde o corpo de

Ualalapi coberto por uma camada de sangue e restos

de folhas silvestre; que se despegavam do corpo com

a força do vento que carregava um cheiro estranho,

sentido na zona nos tempos imemoriais em que homens

de outras tribos viram as casas aluírem com a força do

vento e da chuva que cobriu a terra e os arbustos de

água lodosa e cheirosa no momento em que acabavam

de enterrar um rei de Manica que, vaticinado pelo seu

swikiro - nome que os médiuns chonas levavam -,

não tivera outro tempo de governação que o número

de dias iguais aos dedos as suas mãos carregavam

Mas foi tempo suficiente para medrar com as lautas

refeições que pararam no dia fatídico em que morreu

de congestão.

E Ualalapi pisava agora, a caminho da praça, o local

onde o corpo do rei estivera estendido, no interior de

uma cubata, sob o olhar atento dos maiores do reino

que tinham o dever de assistir à putrefacção do corpo

para que os espíritos malvados não se apossassem de

partes do corpo, aguentando durante dias e noites o

cheiro insuportável da carne podre cujos líquidos caíam

em vasilhas preparadas para o efeito. Valalapi levou a

mão direita às narinas e entrou na praça, Olhou para

o céu e viu as nuvens escuras e pesadas a desceram

das alturas. O vento zurzia as árvores altas e baixas.

Acercou-se de Mputa, guerreiro que morreria de forma

estúpida e inocente mas cujo rosto permaneceria na

memória de todos, como o afirmaram ao pressagiarem

o seu destino, sem no entanto detalharem as causas da

sua morte, pois em histórias que entram reis e rainhas,

todos se apartam, até os swikiros que tudo prenunciam.

- O que é que se passa, Mputa?

- Morreu Muzila.

- Como? - Dizem que morreu de doença, pois há várias

noites que não tirava os olhos do tecto da sua casa.

- Uma morte desumana para um nguni.

- Há quem afirme que o pai morreu da mesma

forma.

- Não era o desejo deles, Mputa.

- Conheço poucos reis que morreram em batalhas.

- Mas todos afirmam que é a melhor morte.

- Quando se dirigem aos guerreiros.

- Pensas muito depressa.

- A guerra assim nos ensina, Ualalapi.

- Tens razão ... Sentes este cheiro?

- É o cheiro da morte. Quando um rei morre,

alguns súbditos devem acompanhá-lo.

- Falei com uma mulher que perdeu o marido.

- Houve outras mortes por aí. A velha Salama

quando soube da morte do rei dirigiu-se a uma das

Margens do rio e esperou pelos crocodilos dos seus

antepassados que a vieram buscar meia hora depois de

ela ter estado sentada, contemplando as águas do rio.

O velho Lucere morreu durante a sesta, devorado pelas

formigas gigantes que não deixaram um bocado de

carne do seu corpo velho. Chichuaio, ao entrar em casa,

viu-se rodeado de serpentes que lutaram pela posse do

corpo. E há mais casos, é sempre assim.

- Eu sei, mas é incrível... Há quanto tempo aguardam

Mudungazi?

- Desde o entrar da tarde. Este cheiro incomoda...

- É dos mortos há muito desaparecidos, Mupta.

- Os ossos não cheiram, Ualalapi.

- Mas os espíritos tudo podem fazer.

- Tens razão. Levantemo-nos. Mudungazi vai

aparecer. A caça que tal foi?

- Boa. Há muita carne.

- Far:tura no meio da desgraça.

- É isso - disse Ualalapi, limpando o corpo. As

nuvens que ameaçavam a aldeia começaram a afastar-se,

carregando ovento e o cheiro da morte que pairou

sobre a aldeia durante a semana em que Ualalapi

esteve no interior das terras de Manica.

II

Numa voz entrecortada, chorosa mas que ia

ganhando força ao longo do discurso, como é próprio das

pessoas que têm a mestria de falar para o povo,

Mudungazi começou o seu discurso perante os chefes

guerreiros afirmando que as coisas da planície não têm fim.

Há muitas e muitas colheitas que aqui chegamos

com as nossas lanças embebidas em sangue e os

nossos escudos fartos de nos resguardarem.

Ganhamos batalhas. Abrimos caminhos. Semeamos

milho em terras sáfaras. Trouxemos a chuva para estas

terras adustas e educamos gente brutalizada pelos

costumes mais primários. E hoje essa gente está entre

vocês, Nguni!

Este império sem medida ergueu-o o meu avô

depois de batalhas incontáveis em que sempre triunfou.

Nele espalhou a ordem e os costumes novos que trouxemos.

E ao morrer indicou o seu filho Muzila, meu pai,

como sucessor. Muzila tinha um coração de homem.

Era bondoso. E muitos aproveitaram-se da sua bondade.

Entre eles Mawewe, seu irmão, que no meio de cabalas

vergonhosas quis e conseguiu usurpar o poder sem

anuência dos espíritos e dos maiores do reino que

tinham aceite Muzila como sucessor, pois fora ele o

primeiro a abrir a sepultura onde seu pai repousaria para

todo o sempre. Mas Mawewe esqueceu-se disso e

tomou o trono por um tempo que a história não registará,

e se registar será com a perfídia estampada no

rosto desse homem que não ouso chamar tio.

Nesse tempo, meus guerreiros, a terra cobriu-se de

cadáveres inocentes e as águas tomaram a cor do sangue

durante semanas e semanas, levando pessoas a beberem

o sangue dos seus irmãos mortos por não suportarem

a sede que os atormentava. E tudo por teimosia

de Mawewe em se manter no poder.

Muzila morreu, meus guerreiros. À beira da morte

indicou-me como seu sucessor. A sua sepultura deverá

ser aberta por mim. Acham que a história se vai repetir?

Os guerreiros, num compasso preciso, bateram os

escudos de pele na terra e disseram não.

Estais comigo, disse Mudungazi, não pela fidelidade

para comigo mas por terem acatado as minhas palavras.

Esperava isso de vocês.

Susteve o discurso por momentos e percorreu com

o olhar raiado de sangue os guerreiros que se mantinham

em silêncio. O Sol caía. O vento estava calmo.

Nuvens brancas sobrepunham-se às nuvens escuras no

céu azul.

O meu irmão Mafemane, prosseguiu, vive a uns

quinze quilómetros daqui. Consta-me que se prepara

para partir a fim de abrir a sepultura do meu pai.

A história não deve repetir-se. O poder pertence-me.

Ninguém, mas ninguém poderá tirar-mo até à minha

morte. Os espíritos poisaram em mim e acompanham-me,

guiando as minhas acções lúcidas e precisas.

E não irei permitir que haja a mesma carnificina como

no tempo de entronização de Muzila, porque irei actuar

já. Os homens que não me conhecem, conhecer-me-ão.

Não vou partilhar o poder. Ele pertence-me

desde que nasci do ventre de lozio, minha mãe, a

mulher preferida de Muzila. E serei temido por todos

porque não me chamarei Mudungazi, mas Ngungunhane,

tal como essas profundas fumas onde lançamos

os condenados à morte! O medo e o terror ao meu império

correrá séculos e séculos e ouvir-se-á em terras

por vocês nunca sonhadas! Por isso, meus guerreiros,

aguçar as lanças. Teremos que limpar, o mais urgente

posslvel, o atalho por onde caminharemos, para que não

possamos tropeçar com possíveis escolhos .

Assim finalizou Mudungazi o contacto com os guerreiros.

A noite entrava. Seguido pela tia, de nome

Damboia, Mudungazi dirigiu-se à palhota grande,

bamboleando as carnes fartas que pouco mudariam até

à morte que teria em águas desconhecidas, envolto em

roupas que sempre rejeitara e no meio de gente da cor

do cabrito esfolado que muito se espantara por ver um

preto.

III

- Tens o hábito de subires as árvores pelos ramos,

Mudungazi.

- Entenderam, Damboia .

- Duvido.

- A um guerreiro só se mostra o alvo.

- E por que não indicaste o homem que deve

executá-lo?

- Fá-lo-ei ao raiar do dia. E não te preocupes com

Mafemane: os abutres já se preparam para devorá-lo.

Bebamos o doro pela minha ascensão ao poder deste

império.

- À tua saúde, Ngungunhane.

- É isso, Ngungunhane. Serei para todo sempre

Ngungunhane e morrerei de velhice. Assim o quiseram

os espíritos.

- O que é que se passa, Ualalapi?

- Morreu Muzila.

- Sei. Mas o que é que Mudungazi disse?

- Mafemane deve morrer.

- Porquê?

\_ Pela porta da casa entra um de cada vez.

- E o outro espera no terreiro.

\_ Ah ... os homens sempre evitam dar as costas a

alguém. É perigoso.

\_ Nem sempre. Mas quem o vai matar?

\_ Estás muito preocupada. Esquece isso. A água

para o banho está pronta?

- Está no lume. Esta situação preocupa-me.

- Porquê?

- Tive sonhos esquisitos.

- É normal em dias de luto.

- Sonhei com a tua morte.

- Minha morte?

- Sim.

- Como é que morri no sonho?

- Morreste andando. A tua voz sustinha o teu

corpo sem vida. Eu e o teu filho morremos afogados

pelas lágrimas que não pararam de sair dos nossos

olhos.

- Incrível, mas nada disso vai acontecer, mulher.

- Estou com medo, Ualalapi. Estou com medo ..

Vejo muito sangue, sangue que vem dos nossos avós

que entraram nestas terras matando e os seus filhos e

netos mantêm-se nela matando também. Sangue, Ualalapi,

sangue! Vivemos do sangue destes inocentes.

Porquê, Ualalapi? ..

- É necessário, mulher. Nós somos um povo eleito

pelos espíritos para espalhar a ordem por estas terras.

E é por isso que caminhamos de vitória em vitória.

E antes que o verde floresça é necessário que o sangue

regue a terra. E neste momento não te deves preocupar

com nada, pois estamos em tempo de paz e luto.

- E os teus irmãos, Mudungazi?

- Quais? .. Como. Como, Anhane, Mafabaze?

- Sim.

- Não terão coragem de se oporem às minhas

ordens. O perigo está com Mafemane. Esse é que deve

morrer.

- Se te indicarem para matares Mafemane não

aceites, Ualalapi.

- Talvez não seja eu a pessoa indicada. Mas

porquê?

- Temo pela tua vida, Ualalapi.

- Não te preocupes. Eu só morrerei em combate

como o meu pai que com quatro lanças enterradas no

peito teve a coragem única de arremessar a lança que

hoje utilizo no peito dum tsonga a uns dez metros de

distância. Só morrerei em combate, mulher. É o meu

destino, é o destino de todos os grandes guerreiros,

nguni.

- Não te enganes, Ualalapi. Muitos foram os

guerreiros que morreram de forma estúpida e sem

estarem em combate. Sereko, que tanta gente matou em

combate, morreu com uma mordidela de serpente

enviada pelo avô descontente. Makuko morreu no mato,

defecando sem parar durante quinze dias seguidos. E

quando o encontraram, já morto, a merda ainda lhe saía

do corpo. Tiveram que o enterrar com a merda que não

parava de sair. E tu não podes fugir a isso. Também

se morre fora de combate. E eu tenho medo, Ualalapi.

- É um sonho, mulher.

- E quantas vezes errei nos meus sonhos?

- Podes ter razão, mas se for para morrer como

poderei fu gir ao destino?

- Não fales assim. Exasperas-me. O que te peço

é que recuses a ordem de matares Mafemane.

- Devo fidelidade a Mudungazi.

IV

O Sol não queimara ainda o orvalho quando

Manhune e os guerreiros a seu mando se aproximaram

da aldeia de Mafemane, pondo-se à escuta de sinais de

partida. Mas o silêncio, o mesmo silêncio que a todos

tocava naqueles dias de luto, cobria as palhotas de

Mafemane e os seus homens e mulheres. Nas ruelas

nada se via para além de pequenas folhas e bocados

de bilhas partidas, esparsas pelo chão. Manhune deixou

grande parte dos guerreiros que o acompanhavam e

levou dois à casa de Mafemane, que se erguia no centro

da aldeia. Algo os atemorizava naquele silêncio, pois

ao caminharem para o centro da aldeia não ouviam

outros ruídos que o som dos pés nus, calcando a terra

húmida. Mafemane, alto, imperturbável estava defronte

à sua casa, de pé, com as mãos cruzadas no peito largo

e forte.

- Esperava-os, disse Mafemane, aproximando-se,de

Manhune. Sei que Muzila morreu. Sei também que o

meu irmão foi escolhido como sucessor, apesar de eu

ser o filho primeiro da inkonsikazi de Muzila, Fussi.

O trono pertence a Mudungazi. Sei também que viestes

com ordens para me matarem. Estou preparado para

morrer. Mas peço-vos que me deixeis despedir das

minhas mulheres e dos meus filhos. Vinde ao cair do

dia.

As palavras, como que vindas das alturas, entraram

na mente de Manhune e dos guerreiros com tanta

clareza que ficaram petrificados pela calma e a

serenidade de Mafemane. Este sorriu e fixou-os. Os olhos

eram transparentes, brilhantes, chocantes. Sem conseguirem

responder, os homens de Mudungazi começaram

a recuar, com os olhos postos em Mafemane.

Manhune tropeçou, caiu, levantou-se, deu costas ao

Mafemane e pôs-se a andar num passo tão rápido que

os guerreiros que o esperavam ficaram surpresos e

perturbados.

- O que é que se passa, Manhune?

- Não me perguntem nada. Vamos, vamos à nossa

aldeia.

E pôs-se à dianteira. Chegados à aldeia tentaram

explicar a Mudungazi o que viram e ouviram, mas

Damboia, com os olhos reluzentes, interpôs-se,

vituperando-os como ninguém fizera desde os tempos em que

aprenderam a manejar as armas. E para eles o expróbrio

tornava-se insustentável por vir da boca de uma mulher,

uma mulher com má fama, apesar de ser da corte.

- É esta a guarda de elite com que contas, Mudungazi? ...

Uma cáfila de cobardes, cães que só sabem

ladrar. Que fidelidade jurastes para Mudungazi? Que

fidelidade, seus cães? ... Não, não me respondam, não

tendes direito a palavra. Devieis ser entregues aos

abutres. É isso que merecem, crianças, filhos mal

paridos! Vindes aqui tentar convencer-nos que Mafemane,

sabendo da sua morte, quis despedir-se das

mulheres e filhos. Porque não fê-lo antes? Ah, seus

cães, imbecis, estúpidos, crianças sem juízo! ...

Mafemane prepara-se para fugir; e já deve ter partido.

Estúpidos. E tu, Mudungazi, ainda tens coragem de dar

guarida a cães que só sabem ladrar? No teu lugar

matava-os... Não percamos mais tempo com esses

estúpidos. Vai Maguiguane, Mputa e Ualalapi. E levem

os guerreiros que quiserem. Mas não apareçam nesta

aldeia sem o corpo de Mafemane, nem que tenham que

fazer desaparecer a floresta que vos rodeia. Avancem!

A mulher do Ualalapi acompanhou com o olhar o

marido até este desaparecer na floresta. Pegou no

filho e começou a chorar mansamente. Entrou na cubata

e não mais saiu até à morte do filho e dela, afogados

pelas lágrimas que não pararam de sair dos olhos

desorbitados durante onze dias e onze noites.

Ualalapi, longe dos tormentos da mulher, aproximou-se

da aldeia de Mafemane. O Sol tomara a cor

vermelha. A tarde fugia. Ao divisarem a casa de Mafemane,

Ualalapi ficou com os seus guerreiros a uns

quinze metros de distância. Maguiguane e Mputa

adiantaram-se, à direita e à esquerda respectivamente,

deixando um corredor a meio, onde, ao fundo, Mafemane,

com um sorriso nos lábios, os esperava, de pé, frente

ao ádito da sua casa.

- Pensei que não viessem - disse Mafemane,

percorrendo-os com o olhar, um olhar penetrante,

incisivo -, não era necessário tanta gente, bastavam dois.

Mas estou pronto. Podeis matar-me. Sei que não

podereis entrar na vossa aldeia sem o meu corpo.

Conheço Mudungazi de criança. E conheço essa

crapulosa mulher que tem por nome Damboia. Não vos

quero roubar tempo, andastes muito. Podeis matar-me.

Bocados de palha soergueram-se de uma palhota

próxima. Tremeram no ar calmo e voltaram a poisar.

Dois pássaros cortaram o céu. Uma criança chorou.

A mãe abafou o choro. Mafemane sorria. Maguiguane

quis levantar a lança. Não conseguiu. Sentiu a mão pesada.

Mputa permaneceu na mesma posição, impassível.

Mafemane sorria. O Sol descia, vermelho. Os minutos

passavam. O silêncio carregava-se. A noite entrava.

Do fundo do corredor uma lança cortou o ar e foi-se

enterrar no peito de Mafemane. Este, alto que era,

atirou o corpo para trás e voltou à posição inicial,

cravando os olhos em Ualalapi que fugia.

- Quem é? - perguntou Mafemane.

- É Ualalapi - responderam os guerreiros mais

próximos.

- Chamem-no. Ele tem que acabar comigo, como

mandam as regras. Donde é que é?

- É nguni.

- Ahn! - suspirou sorrindo. O corpo começou a

vergar. Ao dobrar para a frente a coluna, a lança

enterrou-se mais no peito ensanguentado. Voltou com

algum esforço à posição inicial e lançou um jacto de

sangue. Os joelhos foram-se aproximando à terra. e

assentaram definitivamente no chão, segundos depois.

Enterrou as mãos na areia e manteve-se na posição

genuflexiva durante segundos prolongados, esperando

Ualalapi que se aproximava, de cabeça baixa. A dor no

peito era de tal ordem que caiu de costas, apontando

os olhos para o céu onde três estrelas despontavam. Sem

a coragem de o olhar, Ualalapi aproximou-se de Mafemane,

ajoelhou, tirou a lança do peito e voltou a enterrá-la

vezes sem conta. O rosto, o tronco, e outras

partes do corpo de Ualalapi foram-se cobrindo de

sangue quente, expelido do corpo de Mafemane, já

morto. E à medida que o sangue ia correndo pelo corpo

de Ualalapi, este mais fechava os olhos e enterrava

com maior fúria a lança no tronco perfurado, desfeito,

irreconhecível. Maguiguane e Mputa aproximaram-se.

- Chega - disseram, há muito que morreu.

Ualalapi susteve a lança a poucos centímetros do

peito de Mafemane e soergueu-se. Passou a lança para

a mão esquerda e pôs-se a correr, atravessando as casas

da aldeia, e gritando como nunca ninguém ouvira um

não estridente, lancinante. Desapareceu na floresta

coberta pela noite, quebrando com o corpo as folhas

e os ramos que os olhos ensanguentados não viam.

Minutos depois o choro de uma mulher e duma criança

juntaram-se ao não e ao ruído da floresta a ser

arrasada. E o mesmo ruído cobriu o céu e a terra

durante onze dias e onze noites, tempo igual à governação,

em anos, de Ngungunhane, nome que Mudungazi

adoptara ao ascender a imperador das terras de

Gaza.

Fragmentos do fim (2)

Sentindo que pisava um objecto estranho e duro o

cavalo levantou as patas dianteiras, relinchou, e

voltou a poisá-las sobre o corpo, precisamente no ventre

leve e macio do negro.

O negro gritou, enterrou os dedos na areia húmida,

abriu desmesuradamente os olhos, saltou-lhe um jacto

de sangue pela boca e viu as tripas a saírem, perfuradas por balas.

O coronel Galhardo olhou para o negro, viu as

tripas a escorrerem pela terra, viu os líquidos

intestinais a desaparecerem por entre o capim amassado, viu

o sangue a escorrer pelo corpo, e não se comoveu.

Olhou de novo para o rosto do negro, e notou que o

homem tentava soerguer a cabeça. Do pescoço os

nervos despontavam, tensos.

- Onde está o rei? - perguntou.

O negro voltou a abrir desmesuradamente os olhos,

tentou enterrar com mais força os dedos, ergueu

lentamente a cabeça, expeliu um novo jacto de sangue pela

boca e voltou a tombar definitivamente a cabeça sobre

a terra. O coronel olhou para o sangue que escorria

nas patas dianteiras do cavalo, olhou para o

rosto desfigurado pela morte e comentou com um leve

sorriso entre os lábios: - Estes pretos têm uma

força de cavalo! ...

Puxou as rédeas do cavalo, virou-o à esquerda, e

contemplou com certo cansaço o mar de mortos sem

sepultura que a planície ostentava. Ao longe, silenciosa,

erguia-se a capital do império de Gaza. As casas,

pardas, adormeciam na tarde que fugia.

- Queimem a povoação - sentenciou o coronel e

esporeou o cavalo em direcção ao outeiro mais

próximo.

A morte de Mputa

À Segone Ndangalila

à Magambo

e à Misete

Então, do seio da tempestade, o Senhor respondeu a Job e

disse: Quem é aquele que obscurece a minha providência com

discursos sem inteligência?

Onde estavas quando lancei os fundamentos da terra?

Acaso, é sob a tua ordem que a águia levanta o vôo e faz

o seu ninho nas alturas?

Job respondeu ao Senhor e disse:

Sei que podes tudo e que nada te é impossível ...

Por isso retrato-me e faço penitência no pó e na cinza.

Job,39/42

Ao acordar, nessa manhã nebulosa e aziaga, Domia

sentiu as vísceras bulindo de forma aterradora e

mortífera, mas não se preocupou tanto, pois sabia que

tais dores sempre lhe vinham quando pensava nos

pormenores do acto que arquitectava há anos, desde o

dia em que seu pai, de nome Mputa, fora morto e

retalhado por culpa da rainha, primeira mulher de

Ngungunhane, que nestas terras leva o nome de inkonsikazi,

que o acusara de proferir palavras tão injuriosas

que as lágrimas lhe vieram ao rosto ao contar, entre

soluços, ao rei que jurara pelo avô Manicusse que

Mputa, cão sem nome e história, beijaria a terra por todo

sempre, porque palavras de tal malvadez não eram

permitidas no seu reino, e muito menos à mulher dum

rei cujo respeito os súbditos lhe deviam prestar com

toda serventia, e, dizendo isto com gestos largos e o

rosto contraído, mandou o chitopo, nomeação que leva

o arauto do reino, convocar a grande assembleia que

devia reunir-se nessa mesma manhã sem faltas e desculpas,

pois uma afronta à sua mulher era um ultraje

para si, rei de terras vastas, e a todo o povo do seu

império que lhe deve dignidade e o orgulho de serem

homens, pois fui eu e todos os que me precederam que

dissipamos a noite infindável que cobria estas terras,

dizia isto movimentando o corpo bojudo pelo átrio da

casa real e mostrando com as mãos e os olhos, as

nuvens, o Sol, e as árvores imponentes que se erguiam

ao longe à sua mulher que soluçava e ao chi topo que

o seguia, acenando a cabeça por tudo e por nada,

ouviste, vassalo, eu dei a luz e o sorriso, eu dei a carne

e o vinho, eu dei a alegria a estes vermes, e não será

um cão, um homem que dei a honra de cozinhar para

mim que ousará levantar a voz, por isso vai, corre,

quero-os já, e se encontrares alguém defecando tira-o

da merda, e se estiver colado à mulher retira-o do

enlace com a força que o império te dá, eu sou, e serei

por todo o sempre Ngungunhane, assim o quiseram os

meus pais e avós e toda a prole de heróis nguni que

levantaram estas terras do letargo dos séculos inomináveis,

vai súbdito, vai, chama-os, arranca-os de onde

estiverem e trá-los à árvore grande, e tu, mulher, mãe

de todas as mães, limpa as lágrimas que sulcam o teu

rosto, pois não virá a lua antes de sorrires perante a

trágica morte que esse imundo animal, filho de cães,

terá.

Os grandes do reino entreolhavam-se, receosos, pois

não sabiam, como diz o vulgo, quem teria agarrado o

búfalo pelos chifres, e à medida que o rei cavava a

imbonga até chegar ao mel, os maiores do reino

descontraíam-se, esticavam os pés, relaxavam os membros,

e seguiam com mais atenção as palavras que desciam

as escadas do reino e esbatiam-se no vulgo, nesses

homens sem nome e préstimo. Depois, mais confiantes,

cientes de que as palavras fugiam do centro, acenavam

a cabeça ao ritmo das palavras coléricas que

saíam em desconchavo, até que, para gáudio de todos,

exceptuando Molungo, o nome de Mputa se elevou

pelos ares da manhã. E quando o soberano sentenciou

a pena de morte ao cão e imundo tsonga os maiores

mexeram os olhos e a cabeça em sinal de consentimento

unânime.

Molungo, tio do soberano, homem que acompanharia

o rei no infortúnio dos anos intermináveis de exílio,

pediu a palavra, ciente de que Mputa não cometera tal

crime pois bastas foram as vezes que vira a inkonsikazi

acercar-se do homem como um animal em cio, mas

bolas, pensava, palavra do rei não volta atrás, e não

seria ele, Molungo, que revolveria a montanha tecida,

mas tinha, para seu agrado, a capacidade de atenuar a

pena proferida, e daí que tenha começado a elogiar o

rei, enchendo os testículos, o bojo e o traseiro

descomunal do hosi, de glórias possíveis e imaginárias, de

factos reais e irreais que ele, rei de tantos feitos, herói

sem par na História, foi protagonista primeiro e único

que a História registará enquanto os homens estiverem

sobre a terra!

Dito isto numa voz exaltada, própria para a bajulação,

o soberano mais não fez que acenar a cabeça,

mostrando os dentes comidos pelo rapé e pelo álcool,

e deixar que Molungo espremesse o tumor. Este, com

a argúcia que a vida ensinara, disse ao rei, em jeito de

síntese, que a morte não seria digna para um homem

que ousou cobiçar o corpo da rainha. Era necessário

um castigo brutal e memorável na mente dos súbditos;

por que não cegá-lo como faziam os tsongas em tempos

que não importa recordar? Caso faças isso o teu poder

imperial sairá fortificado nestes tempos tumultuosos

em que os homens da cor de cabrito esfolado

assediam o teu reino vasto. Cegai-o, imperador, perante

os seus e verás que essa massa informe entrará em

delírio, pois outra medida não os exulta tanto que as

tradições que outrora esses vermes seguiam com toda

a religiosidade!

Molungo sentou-se, ciente de que o mel é doce por

si mesmo e que Mputa seria homem de tirar as teias

que o envolviam.

Bateste as tripas, disse o rei, satisfeito com tanto

encómio, e os outros, os maiores do reino, voltaram a

mexer os olhos e o corpo em sinal de consentimento

unânime, e pediram ao rei que cegasse Mputa perante

os seus.

O rei ordenou que informassem o chitopo para que

fizesse troar a chipalapala e chamasse os tsongas dos

arredores para que representassem todo o povo do

império que ia do Limpopo ao Zambeze. Dizendo isto

levantou-se e pôs-se a caminhar em direcção à casa,

pensando e repensando no discurso que exultaria os

mais cépticos, enquanto os maiores do reino recolhiam

às suas casas, comentando o que já deveriam ter

comentado, sem ligarem à tarde que entrava e muito

menos ao som que se elevava pelos ares, sobressaltando

as espécies adormecidas há séculos, removendo

águas paradas desde a criação do mundo e dos homens

em cujos túmulos esquecidos plantas desconhecidas

cresciam e multiplicavam-se, formando bosques

impenetráveis onde os espíritos mais recentes repousavam

do bulício humano e animal, enquanto seguiam com um

sorriso jamais visto as barbaridades que os homens

cometiam na infantilidade de razões inventadas e

alimentadas durante séculos e séculos!

- Mputa esqueceu-se que a trovoada produz a

chuva, filho. Mulher de rei é sagrada.

- Porquê, avô? O que ela tem entre as coxas outra

mulher não terá?

- Não fales assim, filho, não fales assim, pois há

anos atrás, o teu pai ainda não tinha nascido, houve um

48 homem que ousou lançar impropérios jamais ouvidos

ao rei, e passou o resto da vida carregando os testículos

sem fim. Não fales assim. Deixa o Mputa. Deixa-o! Ele

esqueceu que quem agita a lagoa levanta o lodo.

- Mas cacarejar não é pôr ovo, avô?

- Não fales mais, calemo-nos. Se Mputa tem razão

sairá ileso, pois o macaco não se deixa vencer pela

árvore.

E foi neste ambiente de comentários, próprios do

vulgo, que Ngungunhane apareceu perante a multidão,

com o seu saiote de peles e as caudas decorativas,

acompanhado pelos maiores do reino e por Mputa,

ladeado por guardas reais, no meio do tam-tam que

ressoava das peles ressequidas como sons que vinham

de entranhas continuadas em séculos, troando pela tarde

sem nuvens, bela, impoluta. E quando o silêncio se

refez, o soberano, calmamente, com o orgulho que os

changanes herdaram, dirigiu-se à multidão, dizendo que

Mputa é uma palhota sem capim. Espantou o coelho

e não tem coragem de correr atrás dele. Estas foram

as palavras primeiras que puseram em delírio o povo

tsonga que esquecera que estava perante o invasor que

poisara naquelas terras com o sangue dos inocentes

guerreiros nunca relembrados, e todos, exceptuando

Domia, que estava ao fundo da multidão com as

lágrimas presas nos olhos infantis, exoraram ao soberano

a morte daquele que em tempos recentes colocara

aos pés do soberano cinco cabeças de leões mortos

à faca, numa luta corpo a corpo. As palavras

exultava-os de tal modo que quando o rei lhes perguntou se

devia ou não dar a palavra ao criminoso Mputa, animal

semelhante aos machope, muitos duvidaram e

outros recusaram tal direito. O rei sorriu, dizendo depois

que daria a palavra ao cão, apesar de tal direito não

lhe pertencer, pois os cães são cães!

Mputa, com o seu corpo atlético, aproximou-se da

multidão e falou num tom tão sereno que o silêncio

imperou como nas horas dormentes da sesta.

- Podeis matar-me, rei, podeis esquartejar-me. Vós

tendes o poder imperial que pesa no vosso corpo desde

a nascença. Mas eu, vassalo como todos os que vedes

à vossa frente, nada fiz, nada disse a inkonsikazi. É esta

a minha verdade. Sei que duvidais dela, pois a palavra

da inkonsikazi é sagrada aos vossos ouvidos e a de

todos os súbditos. Podeis matar-me, rei, pois há muito

que foi dito que morrerei desta forma inocente. Mas

antes de me matarem, peço que me submeta ao mondzo

para que a minha inocência fique provada perante

o seu povo. E mais não disse, pois os olhos,

com um brilho indiscritível, carregavam toda a

verdade que as palavras não conseguiam exprimir.

E aqueles que tiveram a coragem de os ver viverem

amargurados pelas insónias por se sentirem cúmplices

dum crime.

O rei, ante as límpidas palavras de Mputa, teve que

virar-se para o conselheiro, porque a dúvida, que nunca

devia atingir o soberano em público, penetrou-lhe no

corpo de forma tão intensa que as mãos tremeram.

O povo, silencioso, não sabia já onde pender a cabeça.

O rei outra coisa não fez que aceitar que submetessem

Mputa ao mondzo, nome que leva o ordálio

venenoso preparado nestas terras do império.

E foi num silêncio sepulcral que Mupta bebeu o

mondzo sem pestanejar, sem mexer um músculo do

corpo. E assim permaneceu durante minutos infindáveis

perante a incredulidade do povo e dos maiores do reino

que o olhavam, preto e reluzente na sua tanga de pele,

com o sol a bater-lhe, ao fenecer do dia, no tronco, nas

veias salientes e no cabelo riçado.

É feiticeiro, disse o rei com uma força jamais

ouvida. E os feiticeiros não têm lugar no meu reino.

Não o cegarei como queriam que o fizesse, pois os

feiticeiros agem na bruma da noite. Matá-lo-ei hoje e

agora! E virou-se para os guardas que empurraram

Mputa para o meio da multidão.

Domia com os seus treze anos, viu o pai a ser

espancado e retalhado pelos guardas reais e por alguns

elementos da população, pois os restantes, cientes da

inocência de Mputa, retiraram-se da zona, tentando

esquecer o que jamais esqueceriam.

Após arrumar as suas coisas, Domia saiu da

cubata, endireitou a saia vergastada pelo vento que

anunciava a chuva que desabaria na altura da sua morte, e

pôs-se a caminhar em direcção à casa real, duvidando

do seu acto, depois de quatro anos de espera. Sabia que

ia morrer. Algo interior lhe anunciava a morte, uma

morte terrível.

Ngungunhane, encostado à cobertura da casa que

tocava o chão, alheio ao vento do infortúnio, fumava

mbhangui, nome que leva a «cannabis espontânea»,

muito fumada pelos tsongas, pensando na desventura

que tocara a sua casa, pois as suas trintas mulheres,

espalhadas pela capital, há mais de quatro semanas que

vertiam sangue pelas coxas, facto inédito na sua vida de

casado e polígamo, quando viu Domia transpor o

cercado da sua casa.

- O que vens fazer a esta hora?

- Limpar a vossa casa, hosi?

O rei olhou-a, viu os contornos das ancas, o tronco

nu e os seios exs urgindo por entre a tira de pano

que tentava cobri-los.

- Como é que te chamas?

- Domia, senhor.

- Domia ... sabes quem foi Domia?

- Sei, hosi. Foi a mãe de Mawewe, irmão e rival

de seu pai Muzila.

- Não chames irmão a esse cão! E por que razão

o teu pai deu-te esse nome?

Domia baixou os olhos e nada disse. O rei mandou-a

entrar na casa. Como a porta fosse baixa, ela teve

que agachar-se e entrar gatinhando. O imperador seguiu-a

com os olhos e depois entrou.

Vendo-a de pé e tremente, Ngungunhane arrancou

a tira de pano que cobria os seios e puxou-a para si,

com fúria dum animal que há muito não via o sexo

oposto. Domia retirou a faca da saia e esperou pelo

momento oportuno. Foi o seu erro.

Ela pensou, e bem, que o rei encostá-la-ia à parede

e faria tudo de pé, pois nunca lhe ocorrera pela cabeça

que o soberano levasse uma serva ao leito onde as

rainhas se deitavam. Foi o que fez, depois de ter

visto, durante o percurso, a ponta reluzente da faca.

- Queres matar-me? - perguntou o rei, ao que

ela nada respondeu, pois tentou, de imediato, desferir

a faca no peito do imperador. Este empurrou a mão da

moça e sentiu a faca a penetrar na sua coxa direita. Não

ligou importância. Retirou a faca da mão da moça e

possuiu-a brutalmente, ela em baixo e ele em cima, ela

esperneando e tentando batê-lo, e ele ofegando e tentando

esmagá-la com o seu peso de homem e de rei.

Ultrajada e ferida no íntimo, e com os planos frustrados,

Domia outra coisa não fez que cuspir na cara

do rei e chamá-lo cão, coisa que ninguém, desde que

o rei nascera, tivera coragem de dizê-lo de frente,

porque de trás sabia que tudo falavam, mas de frente,

nunca! E tremeu. Tremeu ao ver os olhos reluzentes

de Domia que incandescendiam na casa sem janelas,

como as de um gato enfurecido. Tremeu ao sentir-se

aviltado como soberano. Tremeu ao sentir que a palavra

saía da boca de uma mulher. Tremeu ao se aperceber

que a moça era filha de Mputa. E tremeu ao ver

o sorriso de escárnio que despontava dos lábios da

moça.

Minutos depois Domia era levada pelos guardas

reais, com ordens terminantes de a fazer desaparecer

da face da terra.

Quando a chuva desabou Domia deu o último

suspiro, deixando a carne a ser desfeita pela chuva que

não parou de cair durante semanas e semanas até que

sobre a terra não restasse um osso. E o rei passou o

resto da vida contemplando, a sós, o sulco que não mais

se apagaria do corpo, fizesse o que fizesse.

E poucos foram os que souberam que Ngungunhane

tinha uma marca indelével na coxa direita do seu corpo.

Fragmentos do fim (3)

«Estão cumpridas as ordens de V. Exa. A coluna

do meu comando efectuou a marcha sobre Manjacase.

Chegado a langua, provoquei o inimigo em combate,

bombardeando a povoação. Gente do Ngungunhane

apareceu no bosque que circunda e oculta o Kraal, em

pequenos grupos, respondendo apenas com alguns tiros

de espingarda ao fogo de artilharia da coluna, que

os dispersou rapidamente.

«Em seguida, deixando o comboio devidamente

escoltado, marchei sobre o Manjacase, que encontrei

abandonado, mas com muitas munições e objectos de

uso dos habitantes, tudo na desordem própria duma

precipitada fuga. Os auxiliares saquearam a povoação

e o chigocho do régulo, que logo depois mandei incendiar,

ficando tudo completamente destruído, e voltando

com a coluna ao bivaque na langua.»

Assim começa o relatório à posteridade do coronel

Galhardo. Um relatório pormenorizado, prolixo, mas

falho em aspectos importantes que o coronel omitiu, ao

não registar:

- O facto de ter profanado como um ímpio o lhambelo,

urinando com algum esforço sobre o estrado onde

Ngungunhane se dirigia na época dos rituais e muito

menos OS escarros que atirou à parede de troncos,

misturados com o tabaco do charuto que ostentava entre

os lábios queimados.

- O roubo de cinco peles de leão que ostentou na

metrópole, como resultado duma caçada perigosa em

terras africanas.

- O facto de ter, pessoalmente, esventrado cinco

negros com o intuito de se certificar da dimensão do

coração dos pretos.

- O facto de se ter mantido sóbrio e sereno face

às labarelas que comiam as palhotas da capital do

império e ao choro da criança em chamas que gatinhava,

desesperada, por entre as chamas e os troncos queimados

e o capim e o adobe que desabava, procurando

a vida na estupidez da guerra.

A propósito deste homem o então comissário régio

de Moçambique (1895), António Enes, escreveu, anos

mais tarde, nas suas memórias, o seguinte: se na

galeria dos homens ilustres estiver inscrita a bravura, a

tenacidade, o respeito pelo homem, a bondade, o amor

à pátria, o coronel Galhardo tem assento por mérito

próprio.

Damboia

A Aníbal Aleluia

Dai-lhe tormentos e lágrimas na mesma medida em que fez

ostentação do seu luxo e das suas delícias, porque disse no seu

coração: «Estou sentada no trono como rainha, não sou viúva

e jamais conhecerei o luto». Por isso, num só dia, virão sobre

ela os flagelos: A morte, o pranto e a fome. Ela será consumida

pelo fogo, porque o Senhor que a condenou é poderoso.

Apocalipse, cap. 18

I

Tirando o dia, a hora, e pequenos pormenores, todos

foram unânimes ao afirmar que Damboia, irmã mais

nova de Muzila, morreu de uma menstruação de nunca

acabar ao ficar três meses com as coxas toldadas de

sangue viscoso e cheiroso que saía em jorros contínuos,

impedindo-a de se movimentar para além do átrio da

sua casa que ficava a uns metros da residência do

imperador destas terras de Gaza que, a seu mando,

colocou guardas reais em redor da casa de Damboia,

impedindo olhares intrusos e queimando plantas

aromáticas que não tiravam o odor nauseabundo, do

sangue que cobriu a aldeia durante aqueles meses

fatídicos em que o nkuaia (ritual anual e sagrado em

que os súbditos, provenientes de todos os cantos do

império, à corte se dirigiam, cantando e ofertando

iguarias e outras coisas diversas ao soberano dos soberanos

que tudo aceitava, no meio de cânticos de louvor

ao imperador que no dia último do mês se dirigia ao

lhambelo, nomeação do local sagrado, nu e acompanhado,

para os rituais que culminavam com a matança

de gado e de dois jovens, de ambos os sexos, que

entrariam no prato mágico que revigoraria o império

e lhes daria forças para a bebedeira que se seguia e

ao untento da manhã seguinte onde tudo se discutia com

o protocolo e a moderação na linguagem como nos

actuais parlamentos e assembleias) não se realizou,

apesar de se estar num ano de tumultos e guerras,

porque a mulher da corte fora acometida por uma

doença estranha, nunca vista nestas terras desde o tempo

em que outra mulher, de nome Misiui, perdera leite

pelos seios durante anos sem fim, enchendo potes e

barris e levando gente de aldeias distantes e dos

pântanos impenetráveis a visitarem-na com a curiosidade

expectante de verem a mulher sáfara, de seios da

dimensão de grãos de milho, que com todos conversava

e fornecia leite às crianças e velhos doentes e

moribundos.

Mas isso aconteceu em tempos recuados e não tocou

uma mulher da corte como Damboia. Por isso, dizia

Ngungunhane, mais importante era ela que os assuntos

do império e enquanto eu estiver vivo as assembleias

podem faltar, eu represento a todos, homens,

mulheres, velhos e crianças deste império sem fim, dizia

isto com toda a pujança na voz, como se os milhares

de vassalos coubessem no corpo bojudo que a todos

ostentava e que medrava de dia para dia com as

responsabilidades infinitas que o império lhe dava,

resolvendo-os com a voz e os gestos, pois papel não havia

e as ordens eram escritas pela voz tonitroante que

ressoava nas manhãs e tardes chuvosas e secas.

Mandei arautos por este império avisar, dizia, que

Domboia padece de uma doença mortal, contraída ao

serviço do império que as suas mãos ajudaram a erguer,

e todos, chefes e súbditos, amos e vassalos, devem

pedir aos antepassados remotos e recentes para que a

salvem desse mal incurável como fizeram com essa

serva de nome Mfussi que outra coisa não via em seu

redor que serpentes vermelhas e pretas a abraçarem-na,

dia e noite, andasse por onde andasse. E não será à

Damboia, mulher da corte e não vassala como essa

Mfussi e outras mais, que a voz dos espíritos não

esconjurará os males de que padece. Salvem-na desta

desgraça que não tocou a ele mas a todos, e se ela se

vai, vai-se o império, homens!

E por isto e outras coisas mais que vos aprouver

dizer, para o bem do reino, o nkuaia não se realiza. Na

capital não ressoarão esses cânticos de louvor que nos

rejuvenescem. Os guerreiros não baterão os escudos do

bayete, levantando a poeira pré-histórica dos nossos

antepassados esquecidos. O Sol e as nuvens não tomarão

a cor dos dias da vitória, e o vento não trará a voz

inapagável dos heróis nguni. Por isso, as leis que

vigoraram até aqui irão vigorar, e eu serei homem de

mais leis emanar quando para isso for necessário,

porque o império é meu, e o poder pertence-me: Ide,

vassalos, e apagai as tochas que por este império

estiveram acesas. E para que os machope não se riam da

nossa dor, tu, Maguiguane, vai por essas terras espalhar

a morte e a dor. Eu quero que todos, mas todos,

se compadeçam com a dor que nos atacou. Ide,

guerreiros, que o império vos salvaguarda, agora e depois

da morte.

II

Quanto ao dia em que Damboia, postada ao umbral

da sua casa, sentiu o sangue viscoso a escorrer pelas

coxas, prenunciando o luar interminável da sua morte,

as opiniões divergem.

Malule, que guardara a casa sinistrada de olhares

intrusos, dissera-me que nesse dia as copas das árvores

foram arrasadas pelo vento maldito que vinha carregado

de conchas das profundezas abissais do mar distante.

A tarde caía. As casas choravam. E os homens, tremendo,

recolheram tudo o que de essencial tinham fora da

cubatas e entraram nas casas que gemiam com o vento

e esperaram pela noite, rogando aos espíritos a

cessação imediata daquele vento maldito. A noite chegou.

No céu havia estrelas brilhantes e a Lua tinha um corte

ligeiro. Não havia nuvens. E o vento, aumentando de

intensidade, tirou o tecto das casas mais pobres e expôs

à noite dos espíritos a pobreza de todos os séculos dos

homens sem guarida e nome.

Ao amanhecer começou a cair uma chuva amarela,

forte, de gotas grossas e pegajosas como a baba do

caracol. Durante sete dias e sete noites as populações

dos arredores de Mandlakazi, nome que as capitais do

império levavam, sentiram na pele aquela chuva anormal.

Na aldeia real havia sol e vento calmo. Nos primeiros

dias era normal ver Ngungunhane dirigir-se aos

arredores, acompanhado pelos maiores do reino; e

contemplar aquela chuva azeda, apelando para a calma,

tudo vai passar, a gazela não dança de alegria em dois

lugares, homens, é preciso calma, muita calma.

Os que queriam refugiar-se na aldeia real recebiam

chicotadas da guarda. E com razão, pois ninguém sabia

que doença é que transportavam, assim porcos, cobertos

daquela massa pastosa como se de ranho se tratasse.

O rei tinha razão em afastá-los. Ele teria que viver para

todo sempre, nem que isso custasse a vida de todos os

súbditos.

Ao quarto dia os homens da corte refugiaram-se nas

casas e deixaram de aparecer à rua. Um fenómeno

estranho passava-se nos arredores: cadáveres sem nome

e rosto apareceram à superfície das águas lodosas, se

é que era água aquele líquido pastoso e espesso.

Tinomba, chefe da aldeia circunvizinha, percorreu casa

por casa a povoação, contando os vivos e perguntando

pelos mortos que todos desconheciam, durante três

dias e três noites, tempo igual de permanência dos

cadáveres que desapareceram misteriosamente com a

cessação da chuva, na sétima noite, o que levou os

curandeiros a afirmarem que eram cadáveres de outros

tempos esquecidos que vieram chamar atenção àquele

povo que nada respeitava, e que murmurava tudo o que

ouvia e o que não ouvia.

No sábado último do mês terceiro da dor, Damboia

morreu. No dia seguinte, os cinco homens mais fortes

da zona acordaram impotentes para toda a vida. E isso

não foi o mais importante durante aqueles meses todos.

A pior coisa que aconteceu durante aqueles meses

foram as palavras, homem! Elas cresciam de minuto

a minuto e entravam em todas as casas, escancarando

portas e paredes, e mudavam de tom consoante a

pessoa que encontravam. A violência que Ngungunhane

utilizou para sustá-las não surtiu efeito. Elas percorriam

as distâncias à velocidade do vento. E tudo por causa

dessas tinlhoco - nomeação em tsonga dos servos -

que saíam da casa de Damboia com os sacos cheios de

palavras que as lançavam ao vento. Malvadas! Onde já

se viu um indivíduo sem rosto vituperar uma pessoa

da corte, uma mulher que todos servíamos com respeito

e amor? ... Pécoras, bestas sem nome, eram elas que

levavam no saco histórias inventadas, dizendo que

Damboia sofria da doença do peito que faz vomitar

sangue pela boca, mas que ela vomitava entre as coxas,

em paga da vida crapulosa que levara.

- Crapulosa?

- Não ligues. São palavras do vulgo. Não têm

fundamento. Damboia teve a vida mais sã que eu

conheci.

- Para onde vai o fumo, vai o fogo, Malule.

- Nunca hás-de encontrar água raspando uma

pedra. Deixa-me falar. Eu conheço a verdade. Vivi na

corte ...

- Mas qual é o homem que não tem ranho no

nariz, Malule?

- Se Damboia teve erros não foram de grande

monta. Ela meteu-se com homens como qualquer

mulher. E nisso não nos devemos meter. O tecto da casa

conhece o dono.

- Mas o caracol deixa baba por onde passa.

- É tudo mentira o que ouviste por aí. Da boca

dessa gente, só saem chifres de caracol. Inventam

histórias, fazem correr palavras, dormem com elas,

defecam-nas em todo o lado. É tudo mentira. Eu vivi na

corte ...

- Mesmo que caminhes numa baixa, a corcunda

há-de ver-se, Malule.

Os olhos coriscaram na noite. Colocou duas achas

no fogo que morria e recusou-se a abrir a boca. Não

insisti.

III

Ciliane, que fora serva de Damboia, contou-me, com

a sua voz roufenha, marcada pela velhice, uma versão

diferente, afirmando a partida que Damboia tivera,

naquele dia fatídico, os momentos mais felizes da sua

vida.

Pela manhã conversou com o curandeiro que afirmou,

entre outras coisas, que a realeza não é frequente,

frequente é a vassalagem, advertência que ela não quis

ligar, deslumbrada que estava com a manhã de sol a

escorrer pelas árvores gigantes e anãs, enquanto os

pássaros de mil cores trauteavam melodias nunca pautadas.

Ao afastar-se da casa do curandeiro pôs-se a andar

ao acaso, bamboleando o traseiro farto de carnes,

pegando e despegando folhas castanhas e verdes,

rindo por tudo e por nada, até que se cruzou com Ciliane

que vinha com uma bilha na mão direita do seu corpo

jovem e cansado de tantos trabalhos feitos e por

fazer até adiantada idade em que as mulheres se arrastam

às fogueiras onde contam histórias de nunca acabar,

como a que Ciliane me contou sobre Damboia,

megera e crapulosa mulher da corte de Ngungunhane.

- Para onde vais, Ciliane? - perguntou Damboia.

- Ao rio.

- Vamos juntas - disse, acompanhando-a, ela à

direita e Ciliane à esquerda, pelos carreiros intermináveis,

ladeados de plantas seculares que não iam além

de um metro de altura. Ciliane mudou a bilha da mão

direita para a mão esquerda e pôs-se a olhar continuamente

os pés, sem saber o que dizer à Damboia que

sorria, olhando as aves cortando o céu.

- Sabias que a mulher de Mosheshe meteu-se pelos

pântanos, seguida pelos filhos menores?

- perguntou Ciliane, olhando para os tornozelos de Damboia,

enrodilhados de missangas que reverberavam ao

sol. - Não, não sabia. Por que fez isso? - retrucou,

desinteressada.

- Não suportava ver-te.

- É corajosa ... E o que se tem dito por aí?

- As palavras de sempre: és uma megera.

Mas porquê, Ciliane? ... Que mal lhes fiz?

- Mataste homens, Damboia. Mataste Sidulo,

Mosheshe, Sigugo e outros.

- E quem não matou, Ciliane? - os olhos caíram

sobre Ciliane, lancinantes, aquilinos.

- Muitos.

\_ Mentes. Todos matamos. Tu já me mataste de

diversas maneiras.

- Eu não. Nunca pensei na tua morte. Limito-me

a dizer o que se fala por aí. E são eles que afirmam

que mataste inocentemente homens honestos.

- Não me faças rir.

- É o que dizem ....

- Alguma vez recusaste ordens do teu amo?

- Nunca.

- Eles recusaram as minhas ordens.

- Mas que ordens, Damboia? .. Não achas humano

um homem recusar ir à cama com uma mulher?

- Quem eram eles para recusar as minhas ordens? ...

Gente da rua, sem nome, gente que nunca sonhou

transpor a porta da minha casa. Se fossem homens

de palavra ter-me-iam recusado na altura que lhes

apontei o dedo.

- Temiam-te.

- E por que deixaram de me temer?

- Só tu é que deves saber... Antes de morrer,

Mosheshe teria dito, segundo me contaram, que

aqueles que o impontaram do mundo dos vivos teriam uma

morte terrível.

- Referia-se a mim?

- Tu é que o mataste.

- Mandei-o matar, é diferente. Mas não foi o primeiro.

Sidulo afirmou na minha presença que larvas

iriam percorrer o meu corpo enquanto viva.

- Os dias nascem com cores diferentes, Damboia.

- É possível, mas eu vim de longe, Ciliane. Os

piores dias virão com a velhice que detesto.

Mantiveram-se em silêncio contemplando as águas

do rio que corriam pela planície, meneando as ancas

reluzentes. Damboia despiu-se e atirou-se às águas.

Estava bonita, disse Ciliane, aproximando uma acha de

fogo. Era uma beleza indescritível, serena. Creio que

a morte já tinha entrado naquele corpo esbelto. Ao

entrar da tarde ela correu pela aldeia real, brincando

com as crianças que nunca tivera. Cumprimentava a

todos que com ela se cruzavam. Ao fenecer do dia

postou-se no ádito da sua casa e pôs-se a contemplar

o Sol a cair, vermelho. Era quinta-feira. Mosheshe fazia

duas semanas de defunto. Recordo-me que ela teria dito

que aquele fora o melhor dia da sua vida. Estava radiante.

Quando o Sol caiu ela sentiu o sangue a escorrer

e limitou-se a dizer, sem grandes preocupações, que

os dias estavam trocados. Entrou na cubata e não mais

saiu dela com vida. E só foi pela noite adentro, se bem

me recordo, que ela chamou por mim. Não havia estreias

no céu. Não havia luar. O vento era calmo.

Quando entrei, gatinhando, senti as mãos a escorrerem

por uma massa lodosa. Pensei que fosse água, mas não

era. O chão estava empapado de sangue, e Damboia

estava de pé, serena como sempre. Indicou-me o chão

com os olhos e com as mãos. Passei a noite inteira

emundando o chão. Ao raiar do dia notei que o sangue

tocava os artelhos. Damboia tinha a capulana empapada

de sangue. As paredes estavam tingidas de vermelho.

O cheiro que pairava era o mesmo que as

mulheres tinham em certos dias do mês. E eu estava

cansada. Damboia nada dizia. Quem a visse naquela

posição, erecta, distante, diria que ela pensava nos

antepassados que nunca conhecera. De pé, com o corpo

coberto de sangue eu esperava que ela dissesse qualquer

coisa. Vai chamar Ngungunhane, disse, respondendo

ao meu pensamento.

Quando saí da cuba ta notei que o Sol tinha as cores

de sempre. As árvores estavam no mesmo lugar e

as aves trauteavam as cantigas já conhecidas desde o

princípio de todos os tempos. Os velhos andavam à

deriva, sorvendo a manhã. As mulheres atiçavam o fogo

e as crianças corriam, alegres. O mundo estava no

mesmo lugar, facto que me espantou

A conversa que ela teve com Ngungunhane levou

horas e ninguém soube o que falaram. Mais tarde soube

que o nkuaia não se realizaria. Esta decisão não foi

acatada pelos velhos, pois o nkuaia não se realizava no

ano em que o rei morria. Damboia não era soberana

e não estava morta. Mas depressa os velhos acomodaram-se

sobre o facto e os dias correram. Recordo-me

que quando trouxe mais tinhloco para limpar o chão

e tratar da Damboia a casa estava cercada pelos guardas

e o átrio estava inundado de sangue que a terra

recusava digerir. As bilhas partiram-se aos bocados

quando tentamos enchê-las de sangue. Optamos por

tapar o sangue com a areia. E o sangue, para o espanto

de todos, exsurgia sempre, atingindo a altura dos tornozelos.

Damboia não falava, olhava. E só foi nos finais

do primeiro mês que ela quis abrir a boca de novo.

As palavras não saíam. A loucura invadiu-a. Começou

a andar de gatas e a trepar as paredes da casa, como

um réptil em desespero. Durante a noite uivava como

os cães. Muitos dos guardas que cercavam a casa ficaram

surdos para toda a vida e outros tiveram e têm

acessos de loucura de tempos em tempos, como o

Malule com quem falaste ontem. Outros, incapazes de

suportarem aquele cheiro, largaram as armas e meteram-se

pela floresta adentro, à procura da morte. O rei

chamou os curandeiros famosos na zona mas pouco

fizeram. Houve um, no entanto, que ficou dias e dias

falando uma língua que ninguém entendia, e a única

coisa que conseguiu foi trazer à razão Damboia, nas

quintas-feiras últimas de cada mês. Nesses dias o sangue

parava de jorrar e ela conversava com todos, alheia ao

drama da sua vida. Como podes ver ela teve dois dias

de lucidez naqueles três meses. E para muitos foi a pior

coisa que o curandeiro fez, pois ao entrar da noite os

uivos recomeçavam com uma intensidade brutal e o

sangue saía em catadupa.

Ao segundo mês, creio, choveu como nunca durante

duas semanas. O sangue dela escorreu ao rio, tingiu-o

de vermelho e matou os peixes que os nguni não

comiam. Os crocodilos passaram a viver nas margens.

Era normal vê-los à soleira das nossas portas ao raiar

do dia. A princípio tentamos expulsá-los, mas eles

vinham em maior número, aos milhares. Alguns velhos

suicidaram-se. Outros, velhos e novos, morreram

de sede, pois a água estava contaminada ao longo da

extensão do rio. O lago das proximidades estava contaminado.

E os poucos poços que haviam estavam

reservados às pessoas da corte. Ngungunhane andava

de um lado para o outro, afirmando que no império

tudo andava bem e que havia grandes progressos, pois

as colheitas nunca vistas encheram celeiros de nunca

acabar, e as crianças que nunca nasceram vieram ao

mundo mais gordas e sãs, e os velhos duravam mais

anos, e os guerreiros mais batalhas ganhavam. Os que

diziam o contrário eram pendurados nas árvores. Todos

são felizes, e se o nkuaia não se realiza é porque

Damboia está doente, homens, dizia, bramindo as mãos

e elevando a voz. Se algo nos deve atormentar é a

doença de Damboia. E passamos aqueles meses ouvindo

essas palavras em todos cantos. Diariamente morriam

pessoas, mas afirmava-se que morriam por velhice

adiantada. Os que se suicidavam eram doentes

mentais, indivíduos atacados pelos espíritos malignos.

E os meses foram passando. E foi na quinta-feira última

do mês terceiro da dor que Damboia, no meio da noite,

deu o uivo mais lancinante que se ouviu durante aqueles

meses. Morreu. Na manhã seguinte começou a chover

e à superfície das águas apareceram nados-mortos das

mulheres que sempre sonharam ter filhos. E era terrível

termos que calcar aqueles corpos que se desfaziam aos

nossos pés.

Ngungunhane, magro e sem voz, circulava como um

sonâmbulo perdido, fumando mbhangui toda a hora.

Fragmentos do fim (4)

Vendo, logo que os pretos fugiram, sahir d'uma

palhota próxima um homem de corôa, perguntei-lhe

pelo Gungunhana e elle apontou-me para a mesma

palhota d' onde sahira. Chamei-o muito d' alto no meio

d' um silencio absoluto, preparando-me para lançar fogo

à palhota, caso elle se demorasse, quando vi sahir de

lá o-Régulo Vatua que os tenentes Miranda e Couto

reconheceram logo por o terem visto mais d' uma vez

em Manjacase. Não se póde fazer idéa da arrogancia

com que respondeu ás primeiras perguntas que lhe fiz.

Mandei-lhe prender as mãos arraz das costas por um

dos dois soldados pretos e disse-lhe que se sentasse.

Perguntou-me onde, e como eu lhe apontasse para o

chão, respondeu-me muito altivo que estava sujo.

Obriguei-o então à força a sentar-se no chão (cousa

que elle nunca fazia), dizendo-lhe que elle já não era

Regulo dos Mangonis mas um matonga como qualquer

outro.

Perguntei ao regulo por Quêto, Manhune, Molungo

e Maguiguana. Mostrou-me Quêto e o Manhune que

estavam ao pé d'elle e disse que os outros dois não

estavam.

Exprobei a Manhune (que era a alma damnada do

Gungunhana) o ter sido sempre inimigo dos portugueses,

ao que elle só respondeu que sabia que devia

morrer. Mandei-o então amarrar a uma estaca da

palissada e foi fuzilado por 3 brancos. Não é possível

morrer com mais sangue frio, altivez e verdadeira

heroicidade; apenas disse sorrindo que era melhor

desamarrai-o para poder cahir quando lhe dessem os

tiros. Depois foi Quêto. Elle fora o único irmão de

Muzilla que quizera a guerra contra n6s e o único que

fôra ao combate de "Coollela". Não tinha vindo pegar

pé, como tinham feito lnguiusa e Cuiu seus irmãos.

Dizendo-lhe eu isto, respondeu que não podia

abandonar o Gungunhana a quem tinha creado como

se fôra pae, retorquindo-lhe eu: que a quem desobedecia

e fazia guerra ao Rei de Portugal, deviam pae,

mãe e irmãos abandonai-o. Mandei-o amarrar também

e fuzilar.

Extractos do relatório apresentado ao Conselheiro

Correia E Lança, governador interino

da Província de Moçambique, pelo

governador militar de Gaza, Joaquim

Mouzinho D' Albuquerque - 1896.

O cerco

ou fragmentos

de um cerco

A Wantamele

I

Ao entrarem no décimo dia do cerco os guerreiros

olharam para tudo com vida e sem vida que a terra

comportava desde o princípio dos princípios e chegaram

à triste conclusão de que o mundo perdera a sua

beleza e o vigor de séculos. O céu e a terra tomavam

a cor de cadáveres estripados. Os dias sucediam-se aos

dias ao ritmo de sonâmbulos senis. As nuvens da chuva

passavam à distância e o vento galerno efundia cânticos

tristes dos insignes guerreiros, mortos em batalhas

de machos, com lanças a cruzarem-se no ar e os escudos

a chocarem-se estrondosamente no capim devastado

pelos homens e pelos cânticos da vitória que

retumbavam pela planície pejada de cadáveres e de

serpentes que silvavam, enlouquecidas pela visão

infernal que se alcandorava na planície.

Agora, esbulhados do vigor dos seus antepassados,

os guerreiros encaneciam à sombra das árvores pardas,

vendo as lanças a criarem escarpas da solidão e os

escudos a servirem ele ninhos aos ratos.

II

Maguiguane era então, e desde a entronização ele

Ngungunhane, o chefe militar do imperador das terras

de Gaza. Nos primeiros dias do cerco era normal vê-lo

conversar com os guerreiros pelos diversos acampamentos.

Depois, atacado pelo torpor das manhãs e

tardes, fechava-se na cubata e passava as horas à

escuta de sinais de mudança. À noite, e só à noite,

atrevia-se a sair da cubata. Envergava as vestes de guerra,

ataviava a cabeça com penachos de plumas, pegava

na lança e no escudo, mirava-se de cima a baixo,

saía da cubata, e caminhava em direcção a Macanhangana,

seu lugar-tenente, que o esperava no mesmo sítio

e à mesma hora.

- Incrível!

- Pois, no mesmo sítio e à mesma hora desde o

primeiro dia do cerco à fortificação de Chirrime, onde

Binguane, rei chope, e o filho Xipenanyane se encontravam

sitiados, com as mulheres, velhas e crianças.

E os guerreiros, evidentemente. Os dois não se

cumprimentavam. Maguiguane olhava para o lugar-tenente

e adiantava-se. Seguiam em silêncio pelo acampamento

principal, ouviam os risos gastos e as histórias com

variantes conhecidas, pisavam os mesmos sítios,

contemplavam as mesmas cubatas, os arbustos de sempre,

o céu da mesma cor, as estrelas sem brilho e a Lua

parda e cortada. Saíam do acampamento principal pelo

mesmo carreiro, desciam a pequena encosta,

contornavam os escolhos de sempre, acercavam-se do poço,

olhavam com a mesma intensidade os guerreiros que

conversavam junto à fogueira e seguiam em direcção

à fortificação que levava o nome genérico de nkocolene,

e percorriam-na de ponta a ponta. À medida que

caminhavam contornavam pelos mesmos sítios as

fezes espalhadas e os vómitos das bebedeiras e os lagos

de mijo que criavam peixes sem barbatanas e olhos.

Percorrido o cercado voltavam ao carreiro de sempre

e subiam a pequena ladeira que os levava ao terreiro

com árvores espalhadas e fogueiras trementes.

Macanhangana quebrava o silêncio e dizia as palavras de

todos os dias no mesmo tom grave e longínquo dos dias

todos.

- Não vão aguentar.

- É isso, não vão aguentar - ripostava Maguiguane

e seguia em direcção à sua cuba ta. Minutos

depois Macanhangana fazia o mesmo.

III

Noite. As hienas uivam. As serpentes silvam. Os

homens sonham. As corujas piam. Os mosquitos zunem,

entram nas cubatas, atiram-se à carne, sugam o sangue;

uma morre, outra atira-se à parede de paus, e outras

esperam: sentem o sangue quente no ar, zunem,

mordem, vivem, morrem.

Há um silêncio dissimulado, falso. As chamas

perdem a força no terreiro deserto. O vento levanta

folhas dispersas. Ouve-se o ribombar de trovões à distância,

muito ao longe. Chove na capital do império.

Macanhangana bebe, bebe interminavelmente o sope.

Teme a noite. Vê as paredes da cubata a tremerem.

Sente a casa a ondular. Agarra-se à enxerga. Os olhos

brilham. Duas lágrimas saltam. Chora. As corujas piam.

O vento levanta timidamente a palha das cubatas.

Maguiguane pensa no rei. O rei pensa na sua concubina,

Vuiazi, mãe de Golide, que desapareceu misteriosamente

com as ancas, o corpo, o sorriso, o rosto

macio, negro, brilhante. Vuiazi pensa em Kamal

Samade, comerciante árabe que se internara nos

pântanos de inhafura por o acusarem de dormir com

Vuiazi. Maguiguane adormece. Sonha a mesma coisa.

Vê serpentes a devorarem cobardemente os homens,

milhares de homens. As mulheres ficam, chorosas,

perdidas na planície. Os guerreiros ressonam. Os guardas

perscrutam a noite. Sentem o aproximar das hienas.

Vêem o brilho dos olhos. O olhar faminto. O passo trôpego.

A Lua perde-se numa nuvem passageira. Macanhangana

agarra-se à enxerga, quer vomitar, não consegue;

olha para o tecto, vê as estrelas sem brilho por

entre as frestas do capim. Maguiguane ressona. O rei

sonha alto, chama pela Vuiazi, agarra-se à enxerga

ataviada, transpira, peida, tosse, ejacula. Vuiazi pensa

na pederastia de Kamal Samade, doença e mania desconhecida

nestas terras de Gaza. A noite foge. Os

guerreiros temem a manhã, o Sol, o vento dos

cânticos esquecidos, a terra sem cor, as árvores com folhas

murchas, o céu sem nuvens, a planície morta.

IV

- Qual é o significado do sonho?

- O leão ruge na selva, Maguiguane.

- E as mulheres, Mabuiau, as mulheres? ...

O mesmo diálogo. As palavras de sempre. Os gestos

de todos os dias.

Maguiguane acorda sobressaltado. Vira e revira os

olhos. Não vê serpentes. Vê fiapos de luz a caírem no

chão. Soergue-se apoiado pelos cotovelos. Vê o corpo

despedaçado pela luz. Chama Mabuiau, seu velho conselheiro.

Levanta-se. Acaricia a lança. Mabuiau entra,

senta-se sobre o círculo de luz. Espera. Maguiguane

conta o sonho. Faz as perguntas. Ouve as respostas.

Mabuiau sai. A manhã cresce. Maguiguane aproxima-se da

parede e espera pelos sinais de mudança. Macanhangana

dorme profundamente. Os guerreiros espreguiçam-se,

caminham para as mesmas árvores, sentam-se nas

mesmas sombras e contam as mesmas histórias. Os que

ouvem esforçam-se por esquecer o enredo inicial. Os

que contam fingem esquecer as sequências posteriores.

São trinta mil guerreiros.

V

Nada se ouve. As horas passam. Os guerreiros

esperam. Esperam pelo sinal, pelo choro de todos os

dias, da mesma hora, e com o mesmo ritmo. Nada

ouvem. Os murmúrios cessam. Contam os dias. Enganam-se.

Acertam. Riem-se. Esperam. Um dos guerreiros

aventura-se a trepar o cercado de vários metros.

Sobe pelos troncos, hesita, escorrega, volta a subir,

atinge as pontas pontiagudas, espreita, demora-se uns minutos.

Os outros aguardam. Estão impacientes. O guerreiro

desce. Tem os olhos fora das órbitas. Treme.

- Perdeu a fala - diz um. A frase arrasta-se de

boca em boca. É envolvida pela saliva, é enxertada,

cresce, ganha novas dimensões e chega aos ouvidos de

Maguiguane:

- Enlouquecidos pela fome os homens devoram as

mulheres e as mulheres devoram as crianças. O rei e

os maiores apontam a dedo a carne para o repasto.

Ninguém fala no kocolene.

Maguiguane ri. Os trinta mil guerreiros riem.

Macanhimgane dorme. E a frase volta ao princípio.

- É verdade?

- Não sabemos. Este homem perdeu a fala. Queres tentar subir?

- Não. Ainda quero contar isto aos meus filhos.

- E tu?

- Não.

- Porquê?

- Isto não é guerra, irmão.

- Tens razão.

VI

A lança corta o ar. Perfura a parede de adobe. Treme.

Um som eleva-se e perde-se no ar. Uma racha sulca

a parede, fina, tremente, sinuosa. Uma segunda lança

perfura a parede uns centímetros acima.

A racha alarga-se, cobre a parede de cima a baixo

e pequenas lascas caem, soltas, perdidas. Binguane olha

para a racha e não lhe ocorre nenhuma imagem.

Xipenanyane vê a fractura e nada lhe ocorre. Uma

terceira lança é atirada. O som mantém-se no ar por

segundos e lascas maiores saltam, chorosas.

- Se Maparato não vier até amanhã atacamos -

diz Binguane.

- Já devíamos ter feito isso há muito tempo.

- Eles são mais de vinte mil. E nós não passamos

de cinco mil, Xipenanyane. É por isso que aguardamos

Maparato.

- E quantos de nós já morreram?

- Alguns.

- Alguns? .. Já estamos mortos, todos nós, pai. É

por isso que me pergunto sempre: que guerra é esta?

- Pergunta a Maguiguane.

- Nunca falarei com esse vassalo nguni.

- Nem ele contigo, Xipenanyane. Mas deixemos

isso. É preciso reunir os guerreiros.

Separam-se. Ao longo de toda a fortificação vêem-se

guerreiros a comerem com sofreguidão os escudos

de pele que os protegeram em intermináveis batalhas.

Cadáveres sem sepultura jazem à superfície da terra

revolvida na procura de raízes inexistentes. Crianças de

barrigas enormes caçam moscas verdes que esvoaçam

sobre os cadáveres. Mulheres com crianças ao colo

circulam Como sonâmbulos sem destino pelo cercado.

Xipenanyane aproxima-se da ponta norte do cercado.

Vê guerreiros lutando pela posse de bosta fresca da

última cabeça de gado abatida para os chefes. Três

guerreiros lutam pela posse dos líquidos intestinais. Um

pouco distante da cena uma mulher dá a sua urina a

uma criança. Os arbustos que outrora povoavam o

cercado desapareceram. As casas envelheceram. Os velhos

incapazes de se susterem com as bengalas, circulavam

pela fortificação de gatas. Os miúdos, convencidos

da existência de ratos, passavam as tardes fazendo

ratoeiras que destruíam na manhã seguinte. E já ninguém

chorava. Todos riam. Um riso que parava nos

lábios.

Xipenanyane leva as mãos ao rosto e entra numa

cubata. Do outro lado da fortificação elevam-se

gargalhadas sonoras.

VII

Os guerreiros saltam na planície. Maguiguane

circula à luz do dia. As lanças voltam a ter o brilho da

vida. Os escudos desembaraçam-se dos ratos. Os dias

voltam a ser dias. Os risos renovam-se. Batuques troam.

O vento é outro. As árvores são outras. A terra é outra.

O sangue é outro. A guerra de todos os séculos aproxima-se.

O rei, a milhas de distância, acorda bem disposto

e pergunta pela guerra. Maguiguane está satisfeito.

Macanhangana sente que as mãos não tremem. Os

guerreiros treinam. As lanças sibilam. Os escudos chocam-se.

- Atacamos amanhã, Macanhangana.

- Já devem estar mortos.

- As gerações vindouras regozijar-se-ão dos

nossos feitos guerreiros.

Binguane sente que as palavras não lhe chegam à

boca. Os guerreiros esperam. Xipenanyane avança. Já

se sente rei. Os guerreiros ouvem-no. Esquecem-se de

Binguane, o velho rei. Seguem as palavras de Xipenanyane.

Sentem forças nas pernas. Seguram as lanças

com as mãos. Mantêm-se firmes.

- Vamos lutar e morrer se for necessário, mas o

nosso desprezo pelos nguni manter-se-á por séculos,

porque esta terra é e será nossa. E se lutamos hoje é

para que os nossos filhos não vejam as orelhas

dilaceradas pelos nguni. O nosso não é para que as

nossas mulheres não sejam escravas e os nossos filhos não

engrossem as fileiras desse exército bárbaro. A razão

pende para o nosso lado, guerreiros.

Iremos para a luta com a certeza da vitória, apesar

deste cerco criminoso que moveram contra nós, um

cerco que contraria os princípios mais elementares de

uma guerra de homens, de uma guerra que os nossos

antepassados mais remotos cultivaram com a certeza de

que os homens olham-se de frente e as lanças chocam-se

sob o olhar atento dos guerreiros. Lançaram esta

guerra de serpentes pensando na nossa morte imediata.

Mas estamos vivos e a nossa luta será por igual,

apesar do elevado número de guerreiros que estão fora

deste cercado.

Preparem-se para a vitória, guerreiros, preparem-se

para matar esses invasores nguni. A razão está do nosso

lado e os espíritos protegem-nos.

- Há pouco estava eu a dizer a Macanhangana que

o leão ruge na selva. Com isso quis dizer que é chegada

a altura, guerreiros, de entrarmos em acção.

Durante dias não tivemos outro objectivo que dar

oportunidade aos machope de virem a nós e entregarem as

lanças, as zagaias e os escudos. Não o fizeram. E por

uma razão muito simples: são animais. É isto que

esquecemos, guerreiros. Um animal habituado à selva

nunca conviverá com homens e muito menos seguirá

as regras mais elementares da existência humana. E esta

verdade não a inventei, mas disse-a o nosso rei

Ngungunhane há muitos e muitos anos. Nessa altura ele

convidou-os para esta grande comunidade de homens

que somos e que construímos. Recusaram a nossa mão

caridosa e preferiram andar a monte, incomodando-nos

à noite com os seus uivos e estragando as nossas machambas.

Houve alturas que chegamos a construir

currais para esses animais machope, mas eles

preferiram a selva, aos dias sem rumo.

A nossa paciência tem limites, guerreiros. Hoje é

o último dia que damos a Binguane para se entregar.

Amanhã, caso não se entregue com os seus homens,

passaremos sobre os cadáveres desses animais e

convidaremos o nosso rei, esse imortal herói nguni, para

que contemple a planície pejada de cadáveres que

servirão de repasto às aves por séculos sem conta.

Não pensem que haverá guerra. Não, não haverá

guerra. Nós não lutamos com animais. Nós matamos os

animais. Se vos mando treinar é para afugentar a

preguiça que cultivaram nestes dias de repouso. Por isso,

preparem-se, guerreiros, não para a guerra, mas para

matarem esses animais selvagens que se chamam machope.

VIII

- Chamas. Sangue. Gritos. Choros. Morte. Fuga ...

- Cadáveres ...

- A solidão acima de tudo. O silêncio depois da

matança. O mundo sem sentido que fica. O vazio que

paira depois do crime.

- A morte não está com os mortos.

- A morte ficou nos intrépidos guerreiros de

Maguiguane.

IX

A matança foi de tal ordem que gerações

vindouras sentiram o cheiro de sangue quente misturado ao

capim. As populações da zona emigraram para sempre,

incapazes de suportarem o cheiro dos mortos que se

colara ao adobe das cubatas. As famílias que resistiram

ao êxodo durante meses viram-se na contingência

de abandonar a zona pelo simples facto de o milho ter

o sabor do sangue humano e a água dos poços conter

restos de ossadas humanas.

A batalha durou uma manhã e uma tarde. Ao cair

da noite a matança terminou. Xipenanyane e Maparato

fugiram com alguns guerreiros, deixando o cadáver

de Binguane e de outros guerreiros da corte chope. Face

ao número elevado de cadáveres Maguiguane ordenou

aos seus homens que levantassem o acampamento. Fora

da zona, Maguiguane obrigou os guerreiros a tocarem

o batuque da vitória. Mas ninguém, incluindo

Maguiguane, sentiu-se aliviado da tensão, da solidão.

X

- Ngungunhane sentiu-se regozijado.

- Não, creio que não. O único gesto que fez foi

agradecer aos guerreiros pela batalha heróica e recolher

à cubata sem contemplar a cabeça do seu inimigo.

Os guerreiros dispersaram-se em silêncio.

Macanhangana voltou a beber durante as noites. Maguiguane

teve que chamar um curandeiro para tirar-lhe do corpo

o cheiro dos mortos. E consta que os homens que

voltaram a passar pela planície de Chirrime tiveram que

passar sobre cadáveres apodrecidos e por apodrecer

durante uma manhã, uma tarde e uma noite. Sobre

os cadáveres jaziam aves mortas pelo excesso do

repasto.

Fragmentos do fim (5)

Felicito em nome do governo português V. Exa. pelo

brilhante feito de armas que acaba de praticar e

recebo das suas mãos o ex-régulo de Gaza, Mundungaz,

vulgo o Gungunhana, Godide e Molungo, filho e tio

do mesmo Gungunhana, assim como as mulheres deste

Namatuco, Fussi, Patihina, Muzamussi, Maxaxa,

Hesipe, Dabondi, ex-régulo de Zichacha, Matibejana e

mulheres d' este Pambane, Oxóca e Debeza, traidores

à Pátria que ousaram contra ela levantar armas. O Snr.

Governador do distrito queira mandar lavrar o auto

d' esta entrega e outro de reconhecimento de identidade

dos referidos prisioneiros.

Palavras do Sr. Conselheiro Correia, governador

interino de Moçambique, ao receber das mãos de Mouzinho D' Albuquerque,

governador militar de Gaza, os prisioneiros

de Guerra.

6 de Janeiro de 1896

O diário de Manua

A Elias Cossa

I

Por entre os escombros daquilo que fora a última

capital do império de Gaza encontraram um diário com

uma letra tremida, imprecisa, tímida. As folhas,

amontoadas ao acaso, estavam metidas numa caveira que

repousava entre ossadas humanas e animais. Não há

referência do seu autor, mas sabe-se que pertenceu a

Manua, filho de Ngungunhane, que em finais de Julho

de 1892 embarcou no paquete Pungué de Moçambique

a Lourenço Marques. Os registos da época dizem

que o paquete saiu manhã cedo. Velas enfunadas

puxavam pequenas barcaças à costa. Nuvens escuras

cobriam o céu. Dois moços acenavam com chapéus ao

amigo que desaparecia no navio. Uma chuva miúda

acompanhou o barco até ao mar alto, fora do horizonte

das pessoas que não ia muito além das poucas milhas

da costa onde o mar glauco e revolto levantava ondas

que se desfaziam nas pedras do pré-câmbrico,

despojadas das suas escarpas que foram testemunhas de cenas

várias, como a do viajante zarolho que por estas terras

aportou com um volumoso manuscrito entre as mãos

e que mais versos fez, cantando esta ilha enquanto

saciava a sede e a fome que o atormentava, ante o espanto

e a comiseração das negras islamizadas em verem um

branco esquálido, longe de saberem que aquele homem

magro e famélico relançaria ao mundo uma terra que

os pedestres de pés cambados a percorrem numa semana

sem outro esforço que olhar a paisagem.

Na primeira noite, contrariando o hábito secular dos

nguni, Manua comeu peixe. Achou-o saboroso e

vituperou a sua prole. Bebeu um litro de vinho, arrotou e

saiu da mesa. Passeou pela ponte, cumprimentou o

capitão do navio e postou-se na amurada do navio,

fumando um cigarro enquanto olhava para as estrelas

e a Lua que atirava fiapos de luz à esteira prateada que

o navio sulcava. O marulhar das águas reconfortou-lhe

o espírito. Recolheu ao beliche que lhe estava reservado

e dormiu. Sonhou com lanças e savanas secas e

verdejantes. Viu serpentes a enrodilharem-se no corpo

bojudo do pai e sorriu. Ao findar da madrugada acordou

sobressaltado. Pancadas insistentes e ferozes caíram

na porta do camarote. Puxou os lençóis para o lado

esquerdo, saltou da cama e, já junto à porta, sentiu algo

viscoso e escorregadio a colar-se às plantas dos pés.

Arroz em pasta cobria o soalho. Cabeças de peixe com

olhos brilhantes e reluzentes repousavam à superfície

da pasta de arroz. O vinho coloria, aqui e ali, o arroz

que um líquido amarelo azedava. Bolhas enormes rebentavam

de segundo a segundo. Era o seu vómito. Incrédulo

ainda ficou parado, contemplando o vómito. As

mãos escorreram pela porta. O corpo foi-se dobrando.

Os joelhos assentaram no chão. Chorava. O cheiro

começou a invadir as narinas. Levou a mão direita ao

nariz. Voltaram a bater à porta. Com ajuda das mãos

ergueu-se e abriu a porta. O comandante do navio e

os seus dois lugar-tenentes olhavam-no com certa

gravidade.

- Tens a sorte de seres filho do rei, rapaz - disse

o comandante. Caso contrário limpavas esta merda toda

e atirava-te depois pela borda fora, seu preto ... Olha

para esta porcaria ... Olha, vê bem a merda que fizeste ...

Um fio que ia-se alargando até ocupar a extensão

do corredor, saía do camarote. Era o vómito. O vómito

com tonalidades vermelhas e amarelas. Eram cabeças

de peixes. Era o cheiro. Eram as moscas a zumbirem.

Inacreditável, pensou Manua. Sentiu tremores nas pernas,

transpirou pelos sovacos e encostou-se à parede do

corredor. A boca estava seca e os olhos, tais como os

dos peixes saíam das órbitas, enormes.

- Siga-me - disse o capitão do navio.

Em todo o lado o vómito cobria o soalho, vermelho,

amarelo. Dos peixes só se viam as cabeças enormes.

As moscas percorriam os corredores, entravam nos

camarotes, cobriam a ponte e zumbiam. Os passageiros,

encostados à amurada do navio, vomitavam, incapazes

de suportarem aquele chão pegajoso, lamacento,

sujo e mal cheiroso. O mar, em redor do barco,

tomava a cor do vómito. Peixes vinham à superfície,

mortos. As mulheres gritavam, histéricas. As crianças

desmaiavam. Os homens berravam, insultavam, falavam

dos pais e avós. Os faxinas corriam de uma ponta a

outra do paquete com panos e água sem saberem por

onde começarem.

E Manua chorava. Minutos depois recolheu ao beliche.

Levantou os lençóis e viu-os impecáveis, exceptuando

um borrão de esperma. Olhou para a roupa e

viu-a sem nódoas, exceptuando a parte dos joelhos.

Sentou-se na borda da cama. Os faxinas entraram no

camarote e limparam o soalho, olhando de soslaio o

preto, filho do rei que os portugueses tanto temiam.

Saíram. Manua abriu a maleta, tirou papéis, uma caneta

e tinta. Escreveu. Falou do pai e chamou-o ignorante

e feiticeiro. Falou do seu tempo de estudante,

afirmando que uma vez borrou o quarto de merda

durante a noite, deixando a cama limpa. Hoje, escreveu

a dado passo, vomitei. O comandante do navio nada

entende de feitiço. Se compreendesse alguma coisa

talvez entendesse o facto de eu ter sido dos poucos na

minha tribo, que teve acesso ao mundo dos brancos,

à sua língua, aos seus costumes e à sua ciência. Mas

ele não pode entender o mundo negro, os nossos costumes

bárbaros, a inveja que norteia a nossa vida e as

intrigas que nos matam diariamente.

Quando eu for imperador eliminarei estas práticas

adversas ao Senhor, pai dos céus e da Terra. Serei dos

primeiros, nestas terras africanas a aceitar e assumir os

costumes nobres dos brancos, homens que estimo desde

o primeiro dia que tive acesso ao seu civismo são.

A mão tremeu. Não conseguiu continuar. Dobrou

o papel em quatro partes, guardou-o na maleta e

atirou-se à cama, tentando dormir. Ao cair da noite

ainda se ouvia o barulho das escovas sobre o pavimento

de madeira. Não quis comer. Esperou que os passageiros

recolhessem aos camarotes de modo a poder

sair.

- Vocês admitem pretos nestes barcos e o resultado

é este, capitão. O senhor sabe que a minha mulher desmaiou?

- Não. Mas o senhor deve compreender que o

moço é o filho do rei das terras do sul.

- Qual rei, qual merda, os pretos nunca tiveram

reis capitão! Isso é história. No seu lugar atirava-o pela

borda fora. É o que ele precisa, preto de merda.

- O senhor tem razão - disse um terceiro, acercando-se.

- O comandante devia atirá-lo ao mar.

- Isso não faço. Mas custa-me acreditar que o

moço tenha enchido o navio de vómitos.

- O capitão anda a insinuar o quê, eh!. ..

O senhor acha que um branco como eu e outros que por

aqui andam não sabem onde devem vomitar?

- Eu não queria dizer isso, mas custa-me acreditar neste facto.

- Isso é bruxaria - disse o primeiro interlocutor

do capitão. - Andei eu este tempo todo pelo sertão

e vi coisas incríveis, capitão. Se vos disser que vi

aldeias a envelhecer do dia para a noite, vocês acreditariam?

- Conte lá bem essa história - pediu o capitão.

- Conto-vos, lá isso conto-vos, e não pensem que

quem conta uma história, acrescenta um ponto. O que

vos vou contar é tão verdadeiro como verdadeiro é o

nome de Maria das Dores que a minha mulher leva e

que tanto sofreu com os vómitos deste preto malvado.

A história não se passou há muito tempo, foi há bem

pouco tempo e para comprovar isso é a minha presença

neste navio que me leva a mim e a minha mulher

para Lourenço Marques. Estava eu e mais uns portugueses

à caça dos vendedores de escravos, esse comércio

abominável feito por pretos, quando soubemos, por

um informador negro, que estávamos a um dia de

marcha duma aldeia com escravos por embarcar para

Madagáscar. Caminhamos durante a manhã, a tarde e

parte da noite pelo sertão, sujeitos a todos os perigos,

quando ouvimos, já noite alta, vozes estridentes.

Estávamos a dois passos da aldeia. Havia fogo no terreiro.

Os pretos dançavam. As mulheres, nuas, dobravam-se

que nem uma cobra ao som do tambor que ensurdeceria

a qualquer de nós portugueses, não fosse o hábito

que temos de andar por estas terras. Estavam de tal

modo bêbados que faziam as vergonhas da cama em

plena luz do luar. O nosso erro foi de não atacá-los

naquela noite. Optamos por cercar a aldeia e esperarmos

pela luz do sol. E assim fizemos. Ao raiar do dia

entrámos na aldeia com as armas em riste e encontrámo-la

deserta. E para o nosso espanto havia

termiteiras por todo o lado e as palhotas caíam ao

mínimo toque. Nas árvores só víamos macacos.

Inacreditável. Espancámos o informador. O preto, a

contorcer-se de dores afirmou-nos que era feitiço o que

víamos, pois os homens, segundo ele, estavam nas

árvores, transformados em macacos, e as mulheres eram

as termiteiras que enchiam a aldeia. Não acreditámos.

Saímos da aldeia e durante a manhã os macacos

perseguiram-nos à distância. A meio da manhã almoçámos

debaixo das árvores e veio-me a ideia de voltar à aldeia.

O guia acompanhou-me. Ao cair da noite chegámos à

aldeia. As casas estavam novas e os pretos dançavam

e bebiam.

- Inacreditável - disse o capitão.

O outro manteve os olhos abertos.

- É isso. Que cortem os tomates do meu pai se

minto. Vi eu com estes olhos. E sabem o que fiz? ...

Deixei a farda sobre a secretária do comandante e

embarquei neste navio com a minha mulher. Vou abrir

uma loja em Lourenço Marques. E se não volto à

Europa é porque não tenho um tostão no bolso, capitão.

Tenho que viver ainda por largos anos no meio

destes pretos. E há mais histórias por aí. E pensando

bem, capitão, a melhor coisa a fazer é colocar dois

homens à porta do camarote do moço. O que o miúdo

fez foi para mostrar aos brancos a força da bruxaria

destes pretos.

- Você tem razão, senhor ...

- António Matos.

- Certo, senhor António Matos. É preciso ter o

estômago duma baleia para tirar um vómito destes.

Meto dois homens à porta do camarote e não o deixo

sair, nem para a casa de banho, preto de merda.

- É a melhor coisa que faz, capitão. Há pessoas

por aqui que estão na disposição de esfaqueá-lo. Já vi

um preto a ser esfaqueado. Em vez de sangue saía água,

capitão.

- Que raça!

- Se eu fosse rei tirava os portugueses destas terras

e deixava os pretos na sua vida selvagem, pois de nada

nos vale estar aqui com histórias de civilização. Estes

pretos gozam connosco, capitão. Você diz que o moço

esteve a estudar. Mas eu aposto consigo que o miúdo,

ao chegar à terra, tira as calças e os sapatos e volta a

vestir os saiotes de pele.

- Estes pretos são duros de roer.

- É verdade.

- Está-se a fazer tarde para mim. A senhora deve

estar preocupada, coitada. Boa noite.

- Boa noite.

Dispersaram-se. Manua tirou o ouvido da porta e

chorou. O navio oscilou para a direita e voltou à posição

inicial. Os passos foram-se perdendo nos corredores

do navio. O capitão dirigiu-se à cabine do

comando. Manua atirou-se à cama.

O diário não faz referência aos dias subsequentes.

Mas sabe-se, por outras fontes, que o moço não saiu

do camarote. Os dois guardas tentaram convencer a

meio mundo que viram luzes estranhas a circular pelo

navio. Mas ninguém os acreditou. No dia dois de

Agosto o paquete atracou no porto de Lourenço Marques.

As malas saíram dos camarotes. Os passageiros começaram

a descer. Manua foi dos últimos a descer. Dois

guerreiros aguardavam-no. Traziam lanças e escudos.

O Sol ia a metade do céu. Havia camadas de poeira

no ar. Os brancos, em grupos de dois, três e quatro

aguardavam Manua. Alguns estavam atemorizados pelas

histórias que os passageiros contaram, pois não foram

poucos os que afirmaram que o moço, além de vomitar,

meteu o vento pelos camarores adentro, fazendo

esvoaçar a roupa e incomodando as pessoas. Quando

se saía dos camarotes, o vento, calmo, a ninguém

incomodava. E o pior compadre, foi a vez que acordámos

sobressaltados com os peixes que entravam pelos

lençóis adentro. Eram peixes deste tamanho, grandes.

E por que não os apanharam, compadre? Se não apanhámos,

cada vez que ia um pela borda fora apareciam

cinco, compadre. Que bruxaria ... E não os comeram?

Não diga isso, compadre, tinham patas. O quê? Patas,

compadre. Pareciam lagartos, compadre. Deviam queimar

o moço, compadre. Aquilo era só pegar-lhe e

deitar-lhe no forno. Isso não dava nada. Talvez, mas

atirava-o pela borda fora, pois já o meu avô dizia,

morre o bicho, acaba-se com a peçonha. Não nos chame

parvos, compadre. O capitão tinha uns tipos armados

à porta do preto. Vocês são uns cobardolas. Nada disso.

Olhe para aquele homem adiante, andou pelo sertão e

disse-nos que não valia a pena matar o moço, pois vira

uma vez um preto a ser esfaqueado e em vez de sangue

saía aguardente, e da boa, compadre. Aguardente?

Aguardente, compadre. Que bruxaria!. .. Por aqui

acontecem coisas, mas até a esse ponto, não. Olhe, vem aí

o moço. Veste-se como um branco, compadre. O miúdo

não tem cara de maltês, não. E estudou muito mais que

o compadre. Não diga isso, compadre, que escrever sei

eu. Mas o moço tirou o curso de artes e ofícios. Nada

vale um curso desses nas mãos de um preto. Deve ter

razão, mas o moço fala bem o português. Qual português,

qual quê ... Olhe, o moço tem olhos de bêbado.

É da bebedeira que apanhou. O capitão disse que o

moço bebeu um barril de vinho. E com razão, pois um

vómito daqueles era de enjoar uma baleia, compadre.

O vinho é o negócio forte aqui. É da raça, bebem que

nem uns cães. Mas o moço está envergonhado; é da

bruxaria, compadre. Tem razão. E olhe para os pretos

que o esperam. É a tropa deles, compadre. E onde se

vai hospedar? Na minha estalagem é que não, de

bruxarias ando eu farto; mas é possível que vá à casa

dos Albasine. Quem são? Uns mulatos. Lá se entendem.

Vamos que se está a fazer tarde, compadre, a

patroa tem um cabrito no forno.

II

De 1892 a 1895, ano da sua morte, o diário nada

diz, pois as folhas foram comidas pelos ratos. As

letras que restaram estão soltas. Juntando as cinco letras

tem-se a palavra morte. Ou temor. Ou tremo.

Kamal Samade, que pela capital passou, deixou as

suas impressões em árabe, escritas em folhas desordenadas.

Pela sua pena sabe-se que Manua, desde a chegada,

tornou-se taciturno e mais bêbado do que nunca.

Era normal vê-lo fumando mbangui. Os sapatos já

não tinham solas e a roupa perdera a cor primeira. Era

um sonâmbulo, rematava Kamal Samade.

Buinsanto, que se refugiara no Transvaal depois da

queda do império, afirmou que o seu irmão Manua

bebia com muita sofreguidão devido ao feitiço dos

bisavós que se irritaram por aqueles modos estrangeiros

no andar, no vestir e no falar. O pénis minguava

de dia para dia. No dia da sua morte acordou sem nada

entre as coxas e apanhou a maior bebedeira de sempre.

Manhune transmitira ao filho e ao neto de que

Manua fora envenenado pelo pai, pois era uma vergonha

para os nguni ver um filho seu assimilar costumes

de outros povos estrangeiros. E o pior, dizia Manhune,

Manua parecia um chope, pois era subserviente aos

portugueses. Matem-no na próxima oportunidade, disse

Ngungunhane num dos encontros que teve com os

maiores do reino.

Sonie, que fora a inkonsikazi de Ngungunhane, contara,

depois do desterro do marido que Manua estava

já louco quando entrou na capital do reino, Mangoanhana.

Falava constantemente sozinho a língua dos

brancos. Andava como um doido pelas ruas da capital,

insultando a todos. Nos primeiros dias ainda toleramos

o miúdo, pois chegámos a pensar que era assim

que os brancos faziam quando estudavam. Mas depressa

vimos que não, pois Manua começou a mudar a

ordem dos dias, dormindo à tarde, fazendo a noite

manhã e a manhã tarde. Era triste. O curandeiro de

Ngungunhane dissera a todos que o miúdo comera

peixe, coisa que ninguém acreditou, apesar de Manua

falar constantemente em peixe.

III

No dia da sua morte, ocorrida em Março de 1895,

Manua acordou às cinco da manhã. A cacimba cobria

Mangoanhana. Ouvia-se o tossir espaçado das pessoas

idosas. Havia fogo nas traseiras das palhotas. Os cães

latiam, famélicos. Os guerreiros circulavam pelas cercanias

da capital à procura de gafanhotos. As mulheres,

com bilhas à ilharga, iam à água. Ngungunhane dormia.

Manua, com os olhos ainda ensonados, emergiu pela

portinhola da sua cubata. Viu os contornos das árvores.

Viu as ancas das mulheres a roçarem as bilhas. Aspirou

o ar matinal e espreguiçou-se. Estava magro e sujo.

Os olhos estavam vermelhos.

- Não me digas que passaste a noite a contar os

paus do tecto, Manua - perguntou Iomadamo, irmão

de Manua.

- Não, dormi bem - retrucou.

- Tens os olhos vermelhos.

- Sempre foram vermelhos.

- A tartaruga caminha com a sua casa, Manua.

- Mete-te na tua vida, Iomadamo ...

O irmão olhou-o e nada disse. A cacimba

desapareceu. O Sol subia. Manua, sentindo a humidade do solo

a roçar-lhe as plantas dos pés, foi aos currais que

ficavam a sul da capital do império. O pouco gado que

restava pastava nas redondezas. Os guerreiros traziam

gafanhotos em pequenos cestos. As mulheres vinham

com bilhas de água na cabeça. Havia jogo nas cubatas.

Fumou mbangui. Viu estrelas a descerem do céu.

Viu as águas a cobrirem o império e Ngungunhane a

boiar nas águas, incapaz de nadar. Os olhos do rei

aumentavam de tamanho. O corpo medrava rapidamente.

Rebentou. Tripas e bocados de carne andavam à deriva

sobre as águas vermelhas, azuis, pretas. A água

começou a baixar. Manua ria. Soltava gargalhadas fortes.

Dormiu. Os guerreiros olharam-no, abanaram as cabeças

e desapareceram nas palhotas do acampamento.

Ngungunhane acordou. Sonie tomava banho. Godide

treinava com uma lança. Iomadamo bebia. Maguiguane

estava longe da capital. A manhã crescia. As crianças

brincavam. O império gemia. Os portugueses aguardavam.

Os guerreiros comiam gafanhotos. O rei comia

carne de vaca. As mulheres mais filhos tinham. As

crianças choravam. Os bois mugiam. As moscas zumbiam.

Os lagartos aproximavam-se das clareiras. O fogo

queimava os troncos. O fumo perdia-se no ar. Manua

acordou. Escreveu na areia o seu nome e recolheu à

cubata. Trouxeram-lhe vinte litros de sape, nome que

leva a aguardente preparada nestas terras tsongas.

Bebeu. A manhã passou. A tarde entrou. As mulheres

riam. Ngungunhane dormia com Sonie. Godide passeava.

Iomadamo falava. Buinsanto olhava o gado magro.

Os guerreiros treinavam. As lanças erguiam-se. Os

escudos colavam-se aos corpos. O Sol baixava. Manua

bebia. Godide recolhia ao lar. Iomadamo conversava

com o curandeiro. Buinsanto falava com os rapazes do

gado. Manua berrava. Ngungunhane acordou. Sonie

vestia. Os guerreiros saltavam e cantavam. Manua viu

ratos a entrarem na cubata. Cercaram-no. Subiram pelo

corpo. Roeram a camisa, as calças, os sapatos, os

papéis, o tecto. Quis sair. Viu serpentes à porta.

Recuou. Fechou os olhos. Sentiu o cabelo a ser devorado.

Tentou matá-los. Aumentavam de número. Enchiam

a casa. A noite entrava. Manua berrava. Ninguém o

acudia. Está louco, diziam. Uma coruja piou.

Ngungunhane dormia. Sonie sonhava com capulanas. Godide

via o império a seus pés. Cuiu viu em sonhos o seu

sobrinho Ngungunhane a rastejar como uma serpente

aos pés dos portugueses. Manua arfava. A Lua despontava.

A coruja piou de novo. Os cães latiram. O garrafão

de sope caiu. O líquido espalhou-se pelo chão.

Os ratos molharam-se. Alguns apanharam bebedeira.

A porta caiu. Manua morreu. A coruja piou. Os cães

latiram. Os ratos roíam o corpo de Manua. A noite

passou. A manhã nasceu. As mulheres foram à água.

Os guerreiros foram à caça de gafanhotos. Ngungunhane

dormia. Acordaram-no. Teu filho morreu, disseram.

Quem?, perguntou. Manua. Enterrem-no, respondeu

e dormiu. A manhã cresceu. Os gafanhotos desapareceram.

As nuvens fugiram do céu. O império

gemia.

Fragmentos do fim (6)

A mingi bonanga e mizeni yenu

ngi ya hamba, manje mizokusebendza

ni bafazi benu ...

Palavras últimas de Ngungunhane

antes do embarque

Jamais me vistes em vossas casas ...

É verdade que me vou, mas sereis escravizados

com as vossas mulheres.

O último discurso

de Ngungunhane

A Teresa Manjate

Erguer-se-á povo contra povo e reino contra reino, e haverá

fomes, pestes e terramotos em vários sítios. Tudo isto será apenas

o princípio das dores.

S. Mateus, cap. 24

Virou-se repentinamente para a multidão que o

vaiava, a uns metros do paquete que o levaria ao exílio,

e gritou como nunca, silenciando as aves e o vento

galemo, petrificando os homens e as mulheres com as

palavras que saíam em catadupa e que percorreram, em

outras bocas, gerações e gerações em noites de vigília

e insónias, dada a força premonitiva que carregavam

nessa manhã sem outro registo que o mar sem ondas,

o paquete atracado, o Sol com a mesma cor, as nuvens

de todos os tempos, a multidão concentrada, Ngungunhane

falando, e o corpo bojudo oscilando para a direita

e para a esquerda, enquanto os olhos reluziam e

as mãos tremiam ao ritmo das palavras que cresciam,

de minuto a minuto, como agora em que Ngungunhane

dizia a todos, podeis rir, homens, podeis aviltar-me, mas

ficai sabendo que a noite voltará a cair nesta terra

amaldiçoada que só teve momentos felizes com a

chegada dos nguni que vos tiraram dos abismos infindáveis

da cegueira e da devassidão. Fomos nós,

homens, que vos tirámos da noite que vos tolhia à

entrada ao mundo da luz e da felicidade. As nossas

lanças tiraram as cataratas fossilizadas que ostentavam

e os nossos escudos esconjuraram os males de séculos

e séculos que carregavam no corpo putrefacto. E hoje,

corja de assassinos e cobardes, ousais achincalhar-me

com toda a força dos pulmões rotos que tendes. É a

paga, eu sei, dos bens que os nguni fizeram. Mas ficai

sabendo, seus cães, que o vento trará das profundezas

dos séculos o odor dos vossos crimes e viverão a vossa

curta vida tentando afastar as imagens infaustas dos

males dos vossos pais, avós, pais dos vossos avós e

outra gente da vossa estirpe. Começareis a odiar os

vossos vizinhos, increpando-os dos males que padecerão

nas palhotas sem idade. O ódio alastrar-se-á de família

em família, atingindo os animais da vossa estima que

passarão a lutar pelos pastos, se de gado bovino ou

caprino se tratar. Os galos não se meterão com as galinhas

da vizinha e os ratos dividir-se-ão por casas e

roerão os bens de uma só família ao longo de gerações

e gerações. E aí, seus cães, hão terão coragem de

erguer a cabeça. A corcova será de tal ordem que tereis

filhos e netos com uma bossa interminável e hereditária!

- Há pormenores que o tempo vai esboroando

- disse o velho, tossindo. Colocou duas achas no fogo

e soprou. Novelos de fumo passaram pelo rosto. Pequenas

lágrimas saíram dos olhos cansados e tocaram

na pele coberta de escamas. Afastei os papéis. Olhei-o.

Era noite.

- Era miúdo ainda - prosseguiu - quando o meu

avô me contava histórias de Ngungunhane. E eu tinha

medo. Um medo que hoje não consigo explicar. Mas

era medo. Quando dormia sonhava sempre com lanças

e escudos a chocarem-se na planície, numa planície sem

guerreiros, mas com escudos e lanças que se movimentavam,

chocando-se constantemente. Nunca contei ao

meu avô os meus sonhos. Receava que ele parasse de

contar as histórias de Ngungunhane. E quando contava

a voz tremia e os gestos seguiam o ritmo da voz.

Morreu a dormir, sonhando alto. De manhã, ao entrar

na sua cubata, vi-o deitado ao comprido, olhando o

tecto. Falava. A voz tocava-me profundamente. Durante

horas seguidas ouvi-o falar. Quis acordá-lo, pois já era

tarde. Ao tocá-lo notei que o corpo estava frio. Há

muito que tinha morrido. Tiveram que o enterrar

imediatamente para que os vizinhos não nos chamassem

feiticeiros. E o nosso espanto foi ouvir a voz

saindo da cova, uma voz como que vinda de escarpas

abissais. O meu pai teve que sentar-se sobre a

sepultura e acompanhar, movimentando a boca, a voz do

defunto. Os vizinhos e outros familiares distantes

sentiram pena do meu pai, pois pensaram que estivesse

louco. Noite e dia, durante uma semana e meia, o meu

pai abria e fechava a boca.

- Como é que se chamava?

- O meu avô?

- Sim.

- Somapunga. E ele, ao contar-me as histórias de

Ngungunhane, repisava alguns aspectos que o meu pai

se esquecia e que tu omitiste. E são pormenores importantes.

- Não me recordo de ter omitido nada.

- Quando Ngungunhane falava à multidão que o

vaiava, uma mulher, sem aparências de gravidez, teve

uma criança sem olhos e sexo. Dois homens tiveram

um colapso cardíaco.

- E ninguém reparou?

- Petrificados que estavam com as palavras de

Ngungunhane, creio terem sido poucos os que viram.

- A mulher não gritou?

- Não. Deve ter aberto os olhos e a boca antes de

desmaiar. Quando deram por ela já estava morta. E o

que impressionou as pessoas foi o sangue escorrendo

em direcção à fortaleza. O sangue era negro como a

nossa pele. E à medida que avançava abria um pequeno

sulco pela encosta acima. Os portugueses cobriram

com saibro.

- Interessante.

- É, é interessante - disse o velho, soprando o

fogo. Pequenas faúlhas saltaram e desapareceram na

noite.

Estes homens da cor de cabrito esfolado que hoje

aplaudis entrarão nas vossas aldeias com o barulho das

suas armas e o chicote do comprimento da jibóia.

Chamarão pessoa por pessoa, registando-vos em papéis que

enlouqueceram Manua e que vos aprisionarão. Os

nomes que vêem dos vossos antepassados esquecidos

morrerão por todo o sempre, porque dar-vos-ão os

nomes que bem lhes aprouver, chamando-vos merda e

vocês agradecendo. Exigir-vos-ão papéis até na retrete,

como se não bastasse a palavra, a palavra que vem dos

nossos antepassados, a palavra que impôs a ordem nestas

terras sem ordem, a palavra que tirou crianças dos

ventres das vossas mães e mulheres. O papel com

rabiscos norteará a vossa vida e a vossa morte, filhos das

trevas.

As mulheres, que tanto estimais, passarão a ser

fornicadas como animais nas vossas casas ou nas

traseiras das casas destes animais que hoje respeitais mais

que os vossos irmãos nguni. Os gritos de dor e de

prazer das mulheres perseguir-vos-ão por todo o lado

e passareis noites e noites contando os paus do tecto,

incapazes de se vingarem da infâmia que tocou as

mulheres. Muitos de entre vocês suicidar-se-ão em

árvores anãs ou entregar-se-ão aos crocodilos que vos

regeitarão pela cobardia que transportam, e flutuarão

pelas águas durante anos e anos sem que um animal

aquático se aproxime da carne putrefacta. Outros

suportarão a dor e a ignomínia e passarão a acompanhar

a mulher à casa do branco, mantendo-se na escuridão

do pátio, enquanto a mulher transpõe a porta e entra

no quarto donde sairá com insultos do branco que a

obriga a tomar banho antes de entrar nos lençóis cheios

de esperma e lama, como se ela não tivesse tomado

banho de manhã e à tarde, no rio ou em casa. O

marido suportará estes insultos ouvindo a água a escorrer

pela cútis negra e limpa enquanto aguarda, com um

olhar de cadáver, o estertor maníaco do branco e o

ofegar da mulher que se contorcerá na cama, libertando

sons do fim dos tempos que rebentarão com os

tímpanos e as veias donde escorrerá o sangue e as

lágrimas da vergonha que atingirão o ponto culminante

às latas horas da noite, quando o branco, do parapeito

da janela, atirar a moeda da fome que procurará como

um sonâmbulo na noite sem estrelas. Seguirá para casa

silencioso, incapaz de falar com a mulher que vai

tropeçando nos escolhos, envergonhada, aviltada.

E por todo o lado, como uma doença que a todos

ataca, começarão a nascer crianças com a pele da cor

do mijo que expelis com agrado nas manhãs. Serão

crianças da infâmia. E pela primeira vez na vossa vida

vereis filhos rejeitando as mães que se atirarão às

casas onde o corpo se venderá ao preço do pão,

fornicando com as crias que desconhecem e apontando ao

acaso os presumíveis pais da caterva de miúdos que nascem

às dezenas. As doenças nunca vistas tocar-vos-ão

a todos, e não darão ouvidos ao curandeiro porque

haverá casas onde espetarão ferros pelo corpo; e

haverá homens com vestes de mulher que percorrerão

campos e aldeias, obrigando-vos a confessar males

cometidos e não cometidos, convencendo-vos de que os

espíritos nada fazem, pois tudo o que existe na terra

e nos céus está sob o comando do ser que ninguém

conhece mas que acompanha os vossos passos e as

vossas palavras e os vossos actos. A noite terá caído

definitivamente nestas terras que mudarão de face com

o vosso suor.

Abrirão estradas, rebentarão os pés e as mãos,

beberão sangue dos vossos irmãos com balidos e verão

as vossas mulheres parindo pedras e troncos em plena

estrada sem que possam mexer um dedo porque o

chicote que estes fabricarão de minuto a minuto

rebentará com as vossas costas cheias de escarpas

fossilizadas. Começarão a abandonar as vossas aldeias ante a

vergonha e a impotência de verem as vossas filhas

violadas em plena rua, os vossos pais mortos como

reses, os vossos irmãos chicoteados por peidarem de

medo frente ao branco que vos aviltará por todo o

sempre, queimando as vossas casas, usurpando a terra

que vem dos vossos antepassados, cobrando as moedas

pelas palhotas que erguestes com suor, obrigando-vos

a trabalhar em machambas enormes, onde dia e noite

andarão como sonâmbulos, comendo jibóias e macacos,

escalavrando a terra com os dedos descarnados e tirando

a merda da criança do vosso patrão.

E por onde andardes encontrarão as mesmas imagens,

a mesma degradação, o mesmo crescimento. Os

vossos irmãos pedir-vos-ão os papéis que não terão em

dia e entrarão em casas cheias de ferros e ficarão

loucos. Comecarão a rugir, treparão as paredes como

lagartos cegos e uivarão como hienas famintas pela

noite adentro. De manhã tirar-vos-ão dos quartos nus,

com correntes pelos pés, como o gado prestes a ser

abatido. Não dormireis com as vossas mulheres que se

limitarão a olhar-vos e a dizerem as palavras de

sempre no tempo programado para a visita. Meses depois

dir-vos-ão que a vossa mulher teve um filho da cor do

mijo. Rebentarão com as grades a atirar-se-ão à noite

a caminho da casa onde retalharão em bocados a vossa

mulher inocente. E voltarão para toda a vida à cadeia,

vendo o sexo a minguar de dia para dia. E os que não

suportarem entregarão o traseiro ou perseguirão as

crianças presas, fazendo-as mulheres, mimando-as como

mimam as vossas mulheres, ralhando-lhes como ralham

às vossas mulheres. E aí o mundo terá mudado para

sempre.

- Ngungunhane babava - disse o velho.

- E já não via ninguém.

- Pois, é isso, já não via ninguém com os olhos

reluzentes. Estava no auge do discurso. E o mais

impressionante eram as nuvens a desaparecerem do céu

e os brancos, sem nada entenderem, tinham os cabelos eriçados.

Fora das grades os vosso netos esquecer-se-ão da

língua dos seus antepassados, insultarão os pais e

envergonhar-se-ão das mães descalças e ocultarão as casas

aos amigos. A nossa história e os nossos hábitos serão

vituperados nas escolas sob o olhar atento dos homens

com vestes de mulher que obrigarão as crianças a falar

da minha morte e a chamarem-me criminoso e

canibal. As crianças rir-se-ão desta vergonha que os

velhos sem auditório tentarão redimir dando a versão

que ninguém escutará.

Por todo o lado, filhos das trevas, verão a morte a

estampar-se nas casas que forem erguendo. Andarão

como lagartos por estas terras, procurando a luz para

aquecer as vossas escamas de sáurios. E à noite,

atravancados nas casas, sentirão passos estranhos a

calcarem as varandas e a aproximarem-se da porta, onde

ficarão estampados por séculos, os contornos das orelhas

que escutarão o que não disserem. A morte e o

luto espalhar-se-á por estas terras e o preto sobrepor-se-á

à negrura da vossa pele farta de caminhar entre

cadáveres vivos e apodrecidos que se espalharão pelas

ruas. E chegará o tempo em que fugirão para o mato,

onde começarão a caçar os homens da vossa perdição,

matando um aqui e outro ali. Aí respirarão o ar da

vossa existência por pouco tempo, pois começarão a

odiar-se e a matarem-se por pensarem no trono antes

de o conquistarem. Haverá sangue a correr, chamar-se-ão

nomes que a vossa língua não comporta e voltarão a

procurar os curandeiros da vossa salvação que passarão

a cobrar pela mesma moeda que o cantineiro vos

cobra pelo arroz. Matarão à distância o vosso opositor,

fazendo-o emergir na bacia de morte onde a água

tomará a cor do sangue. Lançarão abelhas mortíferas

aos vossos animigos e haverá cacimbo ao meio-dia. Mas

começarão a aprender novas doutrinas que rejeitarão os

espíritos, os feiticeiros e curandeiros. Todos ou quase

todos aceitarão o novo pastor, mas pela noite adentro

muitos irão ao curandeiro e pedirão a raiz contra as

balas do inimigo, porque não quererão morrer antes de

saborearem a vitória, e o curandeiro pedirá o coração

do inimigo que abaterão sem piedade na emboscada dos

troncos que se movem. Em todo o lado sentir-se-ão

heróis, pois a bala passará à distância e se vos tocar

bastará um encosto à árvore que secará e que vos

restituirá a saúde. Outros transformar-se-ão em serpentes,

entrarão no campo inimigo, estudarão os seus passos

e verão o quantitativo. E esta será a nossa guerra

vitoriosa contra os homens que entraram nestas terras sem

autorização de ninguém. Muitos dos filhos destes homens

ficarão nestas terras e aprenderão as nossas línguas

e dançarão as nossas danças e casarão com as nossas

mulheres à vista de toda a gente e serão nossos irmãos

de verdade porque esconjurarão com os curandeiros do

amanhã os seus males de séculos.

Chegada a vitória tereis um preto no trono destas

terras. Exultareis de alegria ao verem subir panos na

noite chuvosa da vossa vitória. Mas não tereis chegado

ainda ao tempo da vossa felicidade, seus cães,

porque a maldição que abraçou estas terras, perdurará por

séculos e séculos. E na ilusão da vossa vitória invadirão

casas que erguestes e mudarão a ordem das coisas,

passando a cagar onde deviam comer e a comer

onde deviam cagar. A desordem será de tal ordem que

as casas mudarão de cor, passando a ter a cor da morte

que se instalará nas vossas terras que terão a extensão

de meses e meses de percurso. Haverá chuvas de nunca

acabar que arrasarão os campos e as cidades. As

estradas rebentarão e começarão a surgir pelas avenidas

e ruas, serpentes com ninhos à vista de toda a gente e

confundirão os seus silvos com os apitos desordenados

de polícias em jejum de séculos à caça de ladrões

profissionais que roubam cigarros e pilhas e batatas e

restos de comida. Os carros de bois passarão a substituir

as máquinas que deitam fumo e verão as ruas repletas

de bostas secas e frescas que os homens recolherão nas

noites infindáveis da fome. Ávidos em se alimentarem

farão papas de merda que provocarão diarreia e vómitos

que encherão as casas de cimento, saindo depois pelos

corredores e escadas sem degraus até aos jardins e

ruas, provocando o dilúvio de diarreias e vómitos que

afogará crianças e velhos, homens e mulheres, que

serão o alimento de ratos gigantes que terão a liberdade

das avenidas e casas sem dono. Serão os primeiros dias

da vossa desgraça que se completarão com os homens

que percorrerão as matas, matando os pais e a mães,

ávidos do tempo do chicote e das plantações de sonâmbulos.

A confusão reinará por séculos e haverá suplícios

ao fogo; rebentarão as barrigas grávidas de mulheres

inocentes, obrigando os pais a comer os nados-mortos

sem uma lágrima nos olhos. O sol mudará de cor e as

nuvens afastar-se-ão do céu por tempos imprecisos,

trazendo a chuva quando menos esperam e o sol

quando se espera a chuva. E a fome chegará à loja onde

os cantineiros passarão a vida a espantar as moscas,

enquanto o povo inteiro transforma as ruas em cantinas.

As cadeias multiplicar-se-ão e os homens do mando

chegarão ao ponto de prender a todos porque todos

venderão e comprarão coisas ao preço que ninguém

sabe. E as ruas estarão desertas. E haverá chefes sem

súbditos. E terão que voltar ao princípio dos princípios.

Eis o que é e o que será a vossa desgraça de séculos

homens. Agora riam-se à vontade, riam-se, homens! ...

- E olhou-os - disse o velho -, estava cansado.

Transpirava por todo o corpo e o peito estava cheio

de baba. A multidão olhava-o petrificada. As nuvens

tinham desaparecido. As ondas começaram a surgir nas

águas e o paquete começou a roncar. O Sol estava a

meio do céu. As mulheres começaram a chorar. Os

homens, incrédulos ainda, olhavam Ngungunhane que

limpava calmamente a baba. Deu dois passos em frente

e parou. Numa voz arrastada, calma, cansada, disse:

- A chuva não virá a estas terras antes de se

completarem dois anos. Irão pelo mato fora e comerão ratos

que desaparecerão na primeira noite. Depois procurarão

gafanhotos que não encontrarão. Entrarão nas águas

e comerão os peixes, contrariando o juramento que

fizestes ao longo da nossa estada nestas terras. Os nguni

que restarem voltarão à Zululândia, porque não suportarão

a vossa cobardia, tsongas sem espírito!

Ditas estas palavras finais Ngungunhane virou-se e

caminhou em direcção ao navio, acompanhado pelas

mulheres e o filho e outros homens. Subiu as escadas

sem voltar uma única vez o rosto. Desapareceu no interior

do navio. Durante uma hora, aproximadamente,

ficaram à espera que o navio arrancasse. Os motores

trabalhavam. As águas em volta estavam revoltas.

O navio não arrancava. Passada a hora ouviu-se um

canto a elevar-se pelos ares e os pássaros a invadir o

céu. Ngungunhane cantava e dançava. A voz, em

barítono, tirou lágrimas aos velhos e novos que

olhavam o navio a abrir as águas a fastando-se da costa.

Depois do barco se perder no mar ouviu-se ainda o

canto a cobrir o céu e a terra. Ngungunhane desapareceu.

Levou duas achas ao fogo e soprou.

- A seca invadiu estas terras - continuou. A colheita

foi má. Maguiguane quis aproveitar-se do descontentamento

para a revolta mas os portugueses tinham

mais forças. O império desabou para todo o

sempre. Já tinha desabado com a partida de Ngungunhane.

- É isso - redarguiu o velho. - Já tinha desabado.

Os portugueses venceram.

- Mas perderam num campo mais vasto.

- Ngungunhane tinha predito.

- Tem razão. Não vai dormir?

- Vou dormir aqui, junto ao fogo.

Levantei-me. Estava cansado. A noite clara, sem

nuvens, dava total liberdade à Lua. Comecei a afastar-me

da fogueira. Com a cabeça apoiada entre as mãos

o velho soluçava. Comecei a andar depressa. Não sei

porquê mas à medida que ouvia o choro do velho

apressava o passo. Afastei-me da cabana que me estava

reservada e virei o rosto em direcção à fogueira.

Entre duas mangueiras enormes, o velho, com a cabeça

entre as mãos, não via o fogo e a noite. Chorava.

E eu afastava-me da cubata, do meu quarto, e atirava-me

à noite de luar. Algo me intrigava no velho e no

discurso de Ngungunhane.